

## O que buscais?

Exercícios dos universitários de Comunhão e Libertação

Rímíni, 7 a 9 de dezembro de 2007

7 de dezembro de 2007 (Noite)

Introdução – Julián Carrón

“A tristeza que tenho em mim e o amor que não tenho têm mil séculos. O medo que tenho em mim e o amor que não tenho têm mil séculos”<sup>1</sup>. É dessa tristeza, desse medo que brota o grito. É das entranhas do nosso eu que nasce o grito. “Repita-me a palavra que um dia me disse e que me libertou”<sup>2</sup>.

Cada um de nós veio até aqui, de tantos lugares diferentes, movido pela urgência que tem em seu coração: é algo que temos em comum, que nos torna uma coisa só, que nos faz sentir como nossa, como dita a cada um de nós, a frase que escolhemos como título deste nosso encontro: “O que buscais?”<sup>3</sup>. Cada um de nós, qualquer que seja seu lugar de nascimento, a circunstância de vida em que se encontre, o momento em que esteja, sente essa pergunta como sua, sente-se profundamente consumido por ela. Muitos de vocês já se sentiram consumidos assim, quando alguém lhes fez essa pergunta.

“O que buscais?” Nos muitos testemunhos que vocês enviaram por escrito, não houve quem não tivesse sentido a urgência dessa pergunta como algo que diz respeito a sua vida, que diz respeito a seu eu. “Todos ficamos gratos”, dizem muitos de vocês, “pelo fato de alguém nos ter olhado nos olhos e nos ter dito: ‘O que vocês buscam?’”. Essa pergunta obrigou cada um de nós a se pôr diante de si mesmo, a reconhecer como sua a urgência que nela se exprímia. Cada um de vocês disse isso de uma maneira diferente. Alberto, por exemplo, tentou expressar em detalhes aquilo que buscava: “Procuro alguma coisa que me faça ter gosto pelas aulas, pelo estudo, sozinho ou com os outros, algo que me faça viver de maneira verdadeira, sincera, total os relacionamentos com os amigos mais queridos, com os menos queridos e com os colegas de curso e professores da universidade; procuro alguma coisa que me faça ser livre, para que eu não seja esmagado pelas coisas boas ou ruins, livre para viver a verdade, para viver tudo com gosto, sem depender do resultado; procuro alguma coisa que realize a vida neste instante, sem que eu precise esperar pelo amanhã; procuro uma maneira livre, verdadeira, eterna de ser amado e de amar as pessoas e as coisas; procuro um amigo que me acompanhe todos os dias da minha vida, que esteja sempre presente, que dê sentido, importância, desejo, valor à vida. Procuro receber tudo isso do Mesmo de quem dependo em tudo, que me comove até as lágrimas”. Quem de nós não se reconhece nisso que ele procura? É justamente isso que todos nós buscamos. O fato de estarmos aqui, agora, é um testemunho disso. Se tivéssemos de dizer a razão pela qual estamos aqui, não encontraríamos outra coisa além disto: o reconhecimento de que buscamos alguma coisa. Do

---

<sup>1</sup> Chieffo, C. “Ballata dell’uomo vecchio”. In: *Canti*. Milão, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2002, p. 216.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*

<sup>3</sup> Jo 1,38.

contrário, não seria razoável, não teria sentido estarmos aqui. Nossa presença aqui é o testemunho dessa busca que acontece bem agora, indica que levamos a sério essa exigência, essa pergunta, que pode até ser confusa em nós, pois muitas vezes é misterioso aquilo que realmente buscamos.

Vejam o que o Papa diz na encíclica que nos ofertou há alguns dias: “O que é que queremos na realidade? Este paradoxo da nossa própria conduta suscita uma questão mais profunda: o que é, na verdade, a ‘vida’? [...] Há momentos em que de repente temos a sua percepção: sim, isto seria precisamente a ‘vida’ verdadeira, assim deveria ser”<sup>4</sup>. Gostaríamos, portanto, que os momentos em que experimentamos essa vida não acabassem mais. “Em comparação, aquilo que no dia-a-dia chamamos ‘vida’ na verdade não o é. Agostinho, na sua extensa carta sobre a oração, dirigida a Proba – uma viúva romana rica e mãe de três cônsules –, escreve: no fundo, queremos uma só coisa, ‘a vida bem-aventurada’, a vida que é simplesmente vida, pura ‘felicidade’. No fim de contas, nada mais pedimos na oração. Só para ela caminhamos; só disto se trata. Porém, depois Agostinho diz também: se considerarmos melhor, no fundo não sabemos realmente o que desejamos, o que propriamente queremos. Não conhecemos de modo algum esta realidade; mesmo naqueles momentos em que pensamos tocá-la, não a alcançamos realmente. ‘Não sabemos o que convém pedir’, confessa ele citando São Paulo (Rm 8,26). Sabemos apenas que não é isto. Porém, no fato de não saber sabemos que esta realidade deve existir. ‘Há em nós, por assim dizer, uma douta ignorância’ (*docta ignorantia*), escreve ele. Não sabemos realmente o que queremos; não conhecemos esta ‘vida verdadeira’; e, no entanto, sabemos que deve existir algo que não conhecemos e para isso nos sentimos impelidos”<sup>5</sup>.

É o que Alessandro também diz, sinteticamente: “O título destes Exercícios me fez refletir bastante, mas o único passo que consigo dar é dizer que o que eu procuro todos os dias é ser feliz”. É isso que procuramos, é à espera disso que todos estamos. Estamos aqui, de peito aberto, esperando poder ir embora com mais clareza sobre aquilo que buscamos, por já tê-lo experimentado, porque já nos aconteceu alguma coisa daquilo que buscamos. Sabemos que é aquilo que buscávamos pelo fato de que acontece. Mas, para esperá-lo, e para reconhecê-lo quando acontece, sendo que não sabemos de que realmente estamos falando, que abertura, total, é preciso haver em cada um de nós! Devemos estar abertos a todas as possibilidades: essa é a verdadeira postura do homem, que não coincide com um sentimento qualquer, mas com a categoria da possibilidade, característica suprema da razão. Nada é mais razoável, diante dessa pergunta, dessa espera – sendo que não sabemos o que responde a ela e que não somos nós a medida daquilo que existe e que pode acontecer –, nada mais razoável que estarmos abertos em conformidade com toda a categoria da possibilidade. Sabemos que isso não é simples: “Já estou velho”<sup>6</sup>, acabamos de cantar. Não é simples estarmos abertos, escancarados, pois somos “velhos”, o ceticismo começa a incidir sobre nós e a medida começa a ser a nossa. Desde quando deixamos de ser crianças, com toda a curiosidade escancarada, quantas vezes já não surpreendemos em nós a diminuição daquela abertura total! “Tem dias em que eu me levanto de manhã e sou atacada por essas questões”, diz Laura; “chego quase a pensar que o melhor seria não levá-las

---

<sup>4</sup> Bento XVI. *Spe salvi*, 11.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*

<sup>6</sup> Chieffo, C. Op. cit., p. 216.

em consideração, dar um jeito de calá-las, pois elas me obrigam a levar a sério a minha vida. Eu caio mil vezes nesse ponto, quer dizer, prefiro fugir dessas questões na esperança de que elas passem e tudo se resolva sem que eu sofra demais com isso, e me esforce o mínimo possível para buscar uma resposta. Que luta, para não deixar a pergunta se calar! Mas há um problema: eu até posso passar dias inteiros ignorando determinadas circunstâncias, e fiquei muito boa nisso, mas não posso fazer meu coração se calar, e é isso que me salva, que me faz ser viva outra vez. Meu coração grita, grita hoje mais do que nunca, pedindo que Ele me reconquiste mais uma vez, que encontre um outro caminho, diante dos meus mil não cotidianos, para chegar até a mim. E é surpreendente como isso já acontece todos os dias de um jeito muito discreto. Para mim, esse é um sinal muito evidente da expectativa que eu tenho diante destes Exercícios, que têm um título tão correspondente àquilo de que preciso: ‘O que buskais?’”.

O fato de alguém, sentindo-se assaltado todas as manhãs por essa urgência, não se feche diante dela, não a faça calar-se, é a luta: a tentação está sempre à espreita. Por isso, diz Francesco, “fico impressionado por ver que alguém põe outra vez diante de mim a pergunta: ‘O que você está buscando?’”. Essa pergunta é como um tapa na cara, porque é como dizer: ‘Quem é você?’. E o que devo responder a essa pergunta? Seria suficiente dizer: ‘Sou um estudante universitário’? Falta alguma coisa. Dizer quem eu sou significa dizer o que responde à minha necessidade. E a minha necessidade é misteriosa para mim, não sou eu que a gero, não sou eu que a controlo, não sou eu que a respondo: ela é tão ‘imensa’ que não posso deixar de reconhecê-la como o sinal de uma dependência estrutural, sinal de que eu sou feito de Algo que não sou eu mesmo. Por isso, nada que não tenha a mesma origem e dimensão pode responder a ela. Essa minha necessidade é tão imensa que às vezes tenho a tentação de dar uma resposta às pressas”.

Sendo assim, esta noite eu gostaria de lhes pedir uma gentileza: que vocês se mantenham diante da imensidão da pergunta, diante do mistério dessa imensidão, que deixem espaço a essa pergunta. Sendo que isso é vertiginoso, muitas vezes nós damos uma resposta às pressas, para que a pergunta nos deixe em paz o mais rápido possível. Como é difícil ficar diante de toda a imensidão do mistério daquilo que eu busco, não fechar a ferida depressa demais! Muitas vezes, nós nos contentamos logo, com qualquer coisa, e assim – pronto! – fechamos a ferida. Achamos que qualquer coisa pode responder, porque não demos tempo a nós mesmos para ficar diante da imensidão da pergunta. Muitas e muitas vezes, depois, ficamos decepcionados. Ao não dar a nós mesmos tempo para ficarmos diante da imensidão desse mistério que nós somos, nós nos adaptamos a qualquer resposta. Por pensar que já entendemos, que já sabemos o que buscamos, continuamos em maus lençóis.

A espera de que falei é uma propensão. “Vou para os Exercícios com uma propensão. Realmente, nunca foi tão claro para mim como hoje o que eu estou buscando, mas com uma preocupação: essa Presença que eu busco mais do que qualquer outra coisa é uma falta dolorosa, e eu não entendo como ela pode ser possível. Essa falta é clara, mas eu não consigo entender como a Presença pode ser possível. Não param de me repetir que a falta é sinal de uma Presença que existe.” Essa falta é sinal de uma Presença que existe, maior do que nós mesmos, que escancara constantemente a nossa busca. Cecilia percebeu isso muito bem. Por que é que ainda existe em nós essa espera? Ela é o sinal de uma Presença que existe.

Todos nós estamos aqui hoje graças a uma Presença que existe. Pelo fato de essa Presença existir, podemos estar diante dela sem medo da imensidão da pergunta, podemos abraçá-la juntos, olhar juntos para ela, sustentando-nos uns aos outros. Olhar em silêncio para essa pergunta é como olhar para o mistério mais profundo do nosso eu. Pois dizer: “O que buscais?” equivale, como dizia nosso amigo, a dizer: “Quem é você?”. E quanto mais a pessoa se dá conta da imensidão da pergunta, mais se dá conta da sua desproporção: sendo a pessoa limitada, não é capaz de responder por si mesma a essa exigência de totalidade. Por isso, sentimos que não há nada que seja mais correspondente à nossa busca, à urgência que percebemos, do que a pergunta.

“Quando recebi o convite para os Exercícios e me disseram qual seria o título – ‘O que buscais?’ –, senti alguma coisa revirando dentro de mim, como quando a gente tem a possibilidade de levantar a mão para fazer uma pergunta: a pergunta é despertada dentro de nós.” Nisso, nós somos companheiros de caminho de muitos homens ao longo da história, que expressaram seu grito de várias maneiras, de acordo com seu percurso de vida: diante de um Mistério desconhecido, pediam a Zeus que lhes desse o milagre de uma mudança; quando fizeram a experiência direta da presença do Mistério – como o povo de Israel –, mas Seu rosto ainda não se havia revelado a eles em plenitude, gritavam como o profeta Isaías: “Abra-se a terra e germine o Salvador”<sup>7</sup>; nós, que conhecemos e amamos a sua Presença, dizemos e gritamos: “Vem, Senhor Jesus”<sup>8</sup>! Cada um pode escolher a pergunta ou o pedido que sente mais correspondente ao momento de vida que está vivendo, ao ponto da história em que se encontra, contanto que essa espera, a imensidão dessa espera, encontre na pergunta a sua expressão. A pergunta é a expressão de toda a urgência do nosso eu. Só perguntando podemos estar diante da imensidão da nossa pergunta: é como se ela já fosse acolhida por Aquele a quem perguntamos e de quem esperamos uma resposta.

8 de dezembro de 2007 (Manhã)

Palestra – Julián Carrón

### 1. O desafio da realidade

“E, vendo Jesus passar, disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus!’ Ouvindo essas palavras, os dois discípulos seguiram Jesus [ainda não O conheciam]. Voltando-se para eles e vendo que o estavam seguindo, Jesus perguntou: ‘O que buscais?’”<sup>9</sup>. Aqueles dois tinham-se levantado de manhã como em qualquer outro dia, pensando nas coisas de sempre que tinham de fazer, e se viram diante de alguém que não conheciam, que não tinha medo da pergunta deles, pelo contrário, obrigava-os a ficar diante dela: “O que buscais?”. Esse homem abraçava a humanidade deles por inteiro.

Isso parece óbvio, mas quantas vezes vocês já se encontraram diante de alguém que se tenha interessado pela humanidade de vocês, que não tenha dado de ombros, como sempre fazem, e passado a falar de coisas

---

<sup>7</sup> Cf. Is 45,8.

<sup>8</sup> Ap 22,20.

<sup>9</sup> Jo 1,36-38.

banais? O fato de alguém se interessar pela nossa vida até esse ponto não é uma coisa óbvia: o fato de alguém se importar com a minha vida, com o meu destino, com aquilo que eu busco, com a minha felicidade, é uma coisa desconcertante. Quem faz uma pergunta como a de Jesus não pode deixar de dar importância à minha vida: ele não se assusta com a imensidão da minha pergunta humana, está propenso a abraçá-la por inteiro. Mas quem és Tu, que não tens medo dessa pergunta sem limites? Quem és Tu, cuja primeira palavra dirigida aos dois que encontras pelo caminho, que ainda não conheces, é: “O que buscais”?

Eles não O conheciam, não sabiam quem era, e O reconheceram logo, porque levou a sério a imensidão da pergunta que os constituía. Somente esse Homem – tampouco nós o conhecíamos, sabíamos quem era – permite olhar para toda a nossa humanidade, para o nosso rosto. Com Alguém que nos diz: “Por que tremes? [...] Tu não estás só; amar não sabes e és amado”<sup>10</sup>, conseguimos olhar até para a escuridão sem fim que está no fundo de nós mesmos.

É com Ele, é na companhia d’Ele que nós podemos encarar todo o nosso humano, até mesmo aquilo que nos dá medo. Hoje de manhã, quando me levantei, minha vontade era acordar todos vocês: “Pessoal, Ele existe! O que é que vocês estão fazendo, dormindo ainda? Nós podemos encarar a nós mesmos! Vamos perder o melhor da vida se continuarmos a dormir!”. Mas quem és Tu, ó Cristo, que preenches com a Tua presença a vida inteira da pessoa, todo o seu eu, mal ela desperta? Que espécie de graça, que imensidão de graça é essa! Foi por isso que eles O reconheceram: “Era aquele que você procurava; se fazia chamar Jesus”<sup>11</sup>. É Ele mesmo: “Aquele que você procurava”. Como não terá sido para Nossa Senhora (cuja belíssima festa celebramos hoje), toda invadida pela presença d’Ele, daquele dia em diante? Hoje, em Sua companhia, ela olha por todos nós, pobres coitados – que estamos aqui procurando uma clareza sobre aquilo que buscamos –, abraçando-nos a todos, um por um.

É na companhia de Jesus que nós podemos, sem medo, encarar a nossa pergunta. Nós não somos como o “cego” de Pascoli, que dizia: “Mas quiçá um homem me escuta; um homem me vê,/ invisível. Por dentro de si mesmo se esconde./ Você ri? chora? me ama? me odeia? Sente-se/ à minha frente. Quem quer que seja, revele-me/ quem você é: diga-me se o seu coração se compraz/ ou se condói com a minha queixa!/ Ele me olha imóvel, e cala./ [...] Assim chorava: e a áurea noite nas/ rugas do rosto lhe ardia; e o orvalho/ sobre a sua cabeça choveram as estrelas./ E ele continuava ali, irresoluto, à espera/ diante do abismo do nada”. O cego continuava ali, “irresoluto, à espera/ diante do abismo do nada”<sup>12</sup>.

Nós não somos como *Os dois órfãos*: “‘Irmão, aborreço-te agora, se falo?’/ ‘Fala: não consigo pegar no

---

<sup>10</sup> Mascagni, A. “O meu rosto”: “Deus, pra mim olho e eis que descubro:/ Não tenho rosto./ Olho no fundo e vejo o escuro que não tem fim./ E só quando percebo que Tu és,/ Como um eco eu ouço a minha voz/ E renasço como o tempo da lembrança./ Coração, por que tremes?/ Tu não estás só,/ Tu não és só;/ Amar não sabes e és amado,/ E és amado./ Fazer-te não sabes, mas és feito,/ Mas tu és feito./ Como as estrelas lá nos céus,/ No Ser, Tu me faças caminhar./ Faze-me crescer e mudar, como a luz/ Que aumentas e mudas nos dias e nas noites./ Faze minha alma como a neve que se colore,/ Como os ternos cimos teus, sob o sol do Teu amor”.

<sup>11</sup> Roscio, A. e G., Agape, A. e G. “Noi non sappiamo chi era”. In: *Canti*. Op. cit., p. 206.

<sup>12</sup> Pascoli, G. “Il cieco”, de *Primi poemetti*. In: *Poesie*. Milão, Garzanti, 1994, pp. 335-337.

sono.’ ‘Eu só fico ouvindo/ um barulho de roer...’ ‘Talvez seja um cupim...’/ ‘Irmão, ouviste agora um lamento/ longo, na escuridão?’ ‘Talvez seja um cão...’/ ‘Tem gente na porta...’ ‘Talvez seja o vento...’/ ‘Ouço duas vezes bem baixinhas...’/ ‘Talvez seja a chuva que vem caindo devagar.’/ ‘Escutas aqueles toques?’ ‘São os sinos’/ [Tudo – comenta Dom Giussani – se torna assustador, e um “talvez” recobre e torna tudo incerto<sup>13</sup>] ‘Eles dobram por um morto? por algum perigo?’/ ‘Talvez...’ ‘Tenho medo...’ ‘Eu também.’ ‘Acho que está trovejando:/ o que faremos?’ ‘Não sei, irmão;/ fica perto de mim: fiquemos tranqüilos; nos comportemos bem.’/ ‘Vou continuar a falar, se isso te deixa contente./ Lembras-te, quando pelo buraco da fechadura/ vinha luz?’ [Quando mamãe ainda era viva?] ‘E agora a luz se apagou.’/ ‘Naquele tempo nós também tínhamos medo:/ sim, mas não tanto.’ ‘Hoje nada nos conforta,/ e estamos sozinhos na noite escura.’/ ‘Ela estava lá, depois daquela porta;/ e dava para ouvir um murmúrio fugaz,/ de vez em quando.’ ‘E agora mamãe está morta.’/ ‘Lembras-te? Naquele tempo não vivíamos tão tranqüilos,/ entre nós...’ ‘Nós agora nos comportamos bem melhor...’/ ‘agora que não há mais quem se compraza/ de nós...’ ‘que não há mais quem nos perdoe.’”<sup>14</sup>. Essa é a solidão terrível, assustadora, que enche tudo de medo. E o único consolo, “o único remédio é ficarmos pertinho uns dos outros: nos comportemos bem. De que mais precisaríamos?”<sup>15</sup>. De alguém que perdoe, de uma Presença que se torne realmente companhia. É aquilo que encontramos: melhor, é Aquele que encontramos. Por isso podemos encarar nossa escuridão, podemos encarar a pergunta sem fim que nos constitui. De fato, é Ele, é Ele, com a Sua presença, que faz essa pergunta vir à tona com toda a sua força. Aqueles dois que O encontraram pela primeira vez nunca sentiram, como naquele dia, aquilo que buscavam, aquela fome e aquela sede que constituía seu coração, que era originária, que constituía sua estrutura humana, mas que esperava uma Presença que a despertasse em toda a sua profundidade, que não tivesse medo dela, para que ela pudesse se exprimir totalmente.

Nós temos essa fome, essa sede, essa urgência por dentro. Quem de nós pode negar que deseja a satisfação total quando se relaciona com a realidade, com as coisas, com as pessoas? Essa urgência nos vem de tudo o que vivemos, brota das entranhas da vida; qualquer coisa que fazemos, qualquer choque que temos com a realidade, qualquer experiência que fazemos é como o surgimento mais forte dessa pergunta. “Neste período”, escreve Maria, “tenho pensado no trabalho de conclusão de curso, no estágio, em particular, e, apesar de minhas grandes expectativas, me vejo entediada, cansada por fazer uma coisa que esperava há muito tempo fazer. Eu tinha certeza de que ficaria contente, de que aprofundar meus estudos e começar a pô-los em prática me realizaria, e em vez disso estou triste e profundamente entediada. Que foi que aconteceu? O que é que vale de verdade na vida? O que é que pode vencer este tédio?”.

“O que buscais?” Não é possível viver qualquer coisa – seja ela boa ou ruim – sem que essa pergunta desperte de novo, mesmo que às vezes seja frágil, mesmo que a consciência que temos dela seja fraca.

---

<sup>13</sup> Giussani, L. *Le mie letture*. Milão, Rizzoli, 2002, p. 46.

<sup>14</sup> Pascoli, G. “I due orfani”. In: Giussani, L. *Le mie letture*. Op. cit., p. 45-46. Cf. também: “Em comum, o destino. Três poemas de Giovanni Pascoli”. Tradução de Durval Cordas. In: *Litterae Communionis* n° 39, maio/junho de 1994, pp. 33-34.

<sup>15</sup> Giussani, L. *Le mie letture*. Op. cit., p. 47.

“Quando me perguntam explicitamente o que eu quero, o que eu busco, o que poderia me confortar, eu abro a boca mas fico em silêncio, não consigo formular uma única frase que sintetize tudo o que encontro dentro de mim. Eu me sinto como se estivesse impedido”, diz Mario. “Mesmo agora, faço um esforço incrível para escrever estas poucas linhas. Uma pessoa faminta pediria comida; uma pessoa sedenta, que lhe dessem de beber. Já eu não sei o que dizer.”

Por que é que isso acontece? Por que vemos diminuir essa exigência? Por que temos dela uma consciência tão reduzida? Por causa de um enfraquecimento da nossa relação com a realidade. De fato, é impossível que a realidade não desperte constantemente a pergunta em nós; entediados ou diante da beleza, nós a sentimos brotar das entranhas daquilo que estamos vivendo: “Por que vale a pena viver? O que vale na vida?”. Mas é como se esse laço com a realidade estivesse em crise. Não é que a realidade não nos atinja, não desperte perguntas em nós: isso é impossível! Não há um só instante da nossa vida, qualquer que seja a circunstância, boa ou ruim, em que a pergunta não volte a ser despertada. Não há poder neste mundo que possa impedir isso, e nem vocês têm o poder de impedir que essa pergunta ressurgja constantemente; se assim fosse, procurariam eliminá-la. O fato é que “a realidade”, observa minha amiga María Zambrano, “se transformou no problema capital do pensamento moderno”, pois, “em virtude da sua liberdade, o homem pode retrair-se diante da realidade, pode se esquivar dela”<sup>16</sup>. Como? Deixando de se empenhar com ela, com as perguntas que ela suscita. É o que Dom Giussani já dizia muitos anos atrás (e que eu nunca mais esqueci, desde que o li), para explicar o início da situação em que hoje nos encontramos: nós sucumbimos a “uma possibilidade permanente da alma humana, [...] uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”<sup>17</sup>.

É impossível que a realidade não desperte novamente a pergunta. Diante do céu estrelado, é impossível para Leopardi não se perguntar: “E quando olho a amplidão, de estrelas cheia,/ Penso e digo comigo:/ Por que tanta candeia?/ Por que estes ares infinitos, este/ Infinito profundo, sereno, esta/ Imensa solidão? e eu, que sou eu?”<sup>18</sup>. Diante do céu estrelado ou do tédio, é impossível que não surja em nós essa pergunta. Mas podemos nos retrair, podemos não nos empenhar com ela, com a curiosidade que a realidade desperta em nós.

Bento XVI chama a isso “resignação”<sup>19</sup>. O homem moderno se resignou – o Ocidente se resignou – a ficar parado, diante da realidade, sem se envolver com a pergunta que ela desperta nele. É como se tivéssemos de nos afastar de nós mesmos e de nos afastar da realidade, para não ter de suportá-la: pois, se

---

<sup>16</sup> Zambrano, M. “L’attegiamento di fronte alla realtà”. Encarte de *Tracce-Litterae Communionis*, nº 7, julho/agosto de 2007, p. 5.

<sup>17</sup> Giussani, L. *Por que a Igreja*. Tradução de Neófita Oliveira e Durval Cordas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, p. 65.

<sup>18</sup> Leopardi, G. “Canto noturno de um pastor errante da Ásia”, vv. 84-89. In: *Poesia e prosa*. Tradução de Affonso Félix de Souza et al. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 254.

<sup>19</sup> Bento XVI. *Homilia da Santa Missa pelo 850º aniversário de fundação do Santuário de Mariazell*, 8 de setembro de 2007.

estamos ali, presentes, é impossível que a realidade não nos desperte outra vez. Nós vivemos nesse contexto cultural, no qual todos, em vez de se envolverem com a pergunta, procuram se distrair: pensam que, por meio da sua liberdade, podem ser poupados de se perguntar.

Mas não basta o contexto para explicar o que nos acontece. Como dizia Dom Giussani, “nenhum resultado humano pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores”<sup>20</sup>. Nós não somos uma peça de um mecanismo, muito menos do mecanismo social; nada pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores, “posto que a liberdade do homem, apesar de enfraquecida [com toda a nossa fraqueza], permanece marca indelével da criatura de Deus”<sup>21</sup>. Continuamos a ser pessoas, ou seja, relação direta com o Mistério. Portanto, paremos de pôr a culpa na situação: somos nós que nos retraímos diante dessa curiosidade, dessa pergunta; há uma convivência nossa.

“Tenho a tendência”, diz Caterina, “a deixar as coisas passarem bem na frente dos meus olhos, a não tomar a iniciativa, a nunca me jogar por completo naquilo que faço, por distração ou por preguiça. Eu me dou conta de que num lugar como este tenho a sorte de chamarem sempre a minha atenção e de me ajudarem, mas, de certa forma, continuo sempre passiva e superficial”. Nem neste lugar, nem num outro, nem quando estamos com pessoas que não chamam a nossa atenção, nem quando vivem chamando a nossa atenção o nosso eu é a peça de um mecanismo. Por isso, nós podemos continuar a ser sempre passivos e superficiais. Essa é a grandeza do homem, essa é a grandeza do eu, que é relação direta com o Mistério: a liberdade.

“Hoje uma amiga me lembrou as primeiras palavras que Jesus disse: ‘O que buscais?’”, escreve uma de vocês. “Eu me dei conta de como nunca poderia sonhar estar diante de um colega da universidade e ir logo tão a fundo naquilo que eu e ele somos e desejamos.” O fato de alguém nos fazer essa pergunta é um milagre, pois nós somos os primeiros que nem sonham com isso! “Normalmente, eu ficaria terrivelmente embaraçada. E aí ficou claro para mim que isso me acontece porque quase sempre eu não dou a mínima para mim mesma, para o que eu quero realmente, ou seja, praticamente nunca me pergunto sobre isso”. Resignação, falta de empenho. É o mesmo que diz Francesco: “Eu me dou conta de que o que me falta é uma propensão a buscar no instante, pois eu não sou um simples mecanismo”.

A consequência dessa falta de empenho com a realidade, desse enfraquecimento da nossa relação com a realidade, é um enfraquecimento do eu, da consciência de si, um “esvaziamento”, como diz Dom Giussani, “uma anulação da personalidade”<sup>22</sup>, que é cada vez mais rebaixada. É por isso que muitas vezes sentimos uma espécie de niilismo que nos penetra até a medula dos ossos. Não é um niilismo forte, é como uma consciência ofuscada de nós mesmos, um deixar pra lá, que nos faz viver cada vez mais perdidos.

Numa situação como esta, aparecem duas tentações. A primeira é encontrar na “religiosidade”, numa certa maneira de viver a religiosidade, uma espécie de refúgio sentimental. Muitos vivem assim. Para eles, a

---

<sup>20</sup> Giussani, L. *Por que a Igreja*. Op. cit., p. 66.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*

<sup>22</sup> Cf. Giussani, L. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, pp. 117-118.

religiosidade não é a maneira de viver tudo, não coincide com o uso verdadeiro da razão na relação com a realidade: ela se transforma num refúgio no qual podemos encontrar um pouco de alívio. Dá para entender por que, para muita gente, com o passar do tempo a religiosidade não interessa mais: não interessa mais porque não serve para nada. A segunda tentação é procurar uma coisa que parece mais real: uma companhia como “utopia”, como lugar onde encontrar uma certa paz. É a tentação de Pascoli, como lemos antes: nos aconchegarmos um pouco mais entre nós<sup>23</sup>. Mas isso já é sinal de uma derrota. Por isso, com o tempo, viver a companhia dessa forma também não interessa mais.

Apesar de tudo, porém, é como se houvesse um aliado dentro da nossa experiência, que nos impede de fechar o círculo: um incômodo, um mal-estar, uma inquietação, uma irrequietude, chamem como quiserem, que nos impulsiona e dá início outra vez à partida. Mais uma vez, somos levados a estar diante da decisão entre levar a sério ou não essa exigência que encontramos dentro de nós. Mas a pessoa não pode evitar se perguntar: “Quem me obriga a fazer isso?”. Quem obriga você a fazer isso? Por que tem de fazer isso? Ninguém pode impeli-lo a fazer isso se você, em algum momento, não entender a conveniência humana disso.

De que conveniência estamos falando? Em primeiro lugar, não enfrentar a realidade, o tédio, a escuridão, o cansaço não nos livra da escuridão, do tédio e do cansaço. Não podemos jogar tudo isso no cesto de lixo e ficar livres. Como alguém que não quer admitir que tem uma úlcera no estômago e, assim, procura não pensar nela: fazendo isso ele não é poupado da úlcera! Se eu não enfrento a realidade – a escuridão, o tédio, o cansaço –, não sou poupado dela, mas obrigado a aturá-la, e isso não me convém. Sobretudo, isso não convém a nós, que encontramos Alguém com quem podemos encarar tudo e percorrer o caminho. Em segundo lugar, positivamente, é conveniente enfrentar a realidade por um amor a nós mesmos, por uma afeição ao nosso destino. “O que pode persuadir [...] a esse trabalho”, a ter esse empenho com a realidade? O homem “só é movido por um amor e por uma afeição. O amor que nos pode persuadir a realizar esse trabalho”, a esse empenho, de modo tal a pôr toda a nossa energia cognoscitiva na busca do que desejamos, “é o amor a nós mesmos como destino, é a afeição pelo nosso destino. É esta comoção última, esta emoção suprema [é um amor último a nós mesmos como esse, não um intelectualismo, um raciocínio, uma lógica] que persuade à virtude verdadeira”<sup>24</sup>, a um envolvimento com o nosso humano.

## 2. Um olhar revelador do humano

E o que é que nos facilita nesse amor a nós mesmos? Nós somos como todo o mundo, deixaríamos tudo pra lá como todo o mundo, faríamos as mesmas bobagens que todo o mundo faz, e as fazemos. A diferença é que a nós se impôs um Fato, um Fato que nos impede de deixar as coisas pra lá, como se nada tivesse acontecido. “Eu escrevo a você”, diz Matteo, “porque estimo sua simplicidade. Neste período, eu me senti distante do coração do Movimento, por mais que estivesse totalmente mergulhado no meio das pessoas, nas atividades do Movimento. Depois de anos fantásticos de experiência, percebo que aprendi um *habitus*, uma

---

<sup>23</sup> Cf. Giussani, L. *Le mie letture*. Op. cit., p. 47.

<sup>24</sup> Giussani, L. *O senso religioso*. Op. cit., p. 55.

maneira de viver mais verdadeira. Já não posso evitar estar na universidade com decisão e paixão, ocupar o cargo de representante, olhar para a mulher com estima verdadeira, confrontar-me com os amigos, ir à Missa. Mas é como se eu estivesse parado. Vejo o Movimento inteiro dando um passo, trabalhando sobre a vida, e eu me limito aos meus interesses, cuido apenas para que esteja tudo bem com as pequenas coisas que me interessam. Isso se reflete na minha abordagem da Escola de Comunidade: nunca não tenho nada para dizer, fico entediado e irritado com o encontro semanal, decido *a priori* qual daquelas pessoas pode me dar alguma coisa e penso que a vida já é cheia demais de coisas para que eu dê espaço a questões que, por mim mesmo, não me faria”. Até aqui, tudo normal: que mistério há em que a fraqueza seja fraca? “Porém”, prossegue, “há um ‘antes’, há uma história que não me deixa largar tudo”. Benedetta diz isso em outros termos, falando da situação de confusão que vive muitas vezes: “Nesses momentos em que as coisas não acontecem como eu gostaria, nos momentos em que nego tudo o que entrou na minha vida [porque podemos chegar até a essa irracionalidade], exatamente aí o meu coração me obriga a buscar esses rostos, essas pessoas, essa realidade, e eu me dou conta de que os busco porque cedo ao reconhecimento d’Ele”.

Que “fato” aconteceu? O mesmo que aconteceu a João e André e que envolveu tantos outros depois. Como aconteceu a eles, aconteceu a nós também. Diz Dom Giussani, descrevendo o encontro de João e André com Jesus: “O coração deles, naquele dia, havia-se deparado com uma presença que correspondia inesperada e evidentemente ao desejo de verdade, de beleza, de justiça que constituía a sua humanidade simples e não-presunçosa. Desde então, mesmo traindo-o e entendendo-o mal mil vezes [como nós], não o teriam mais abandonado, tornando-se ‘seus’”<sup>25</sup>. Eles o traíram e entenderam mal mil vezes, mas nunca o abandonaram, porque eram “seus”, como nós. Por que “seus”? Porque tiveram a experiência daquela correspondência única que é um ponto de onde não há mais retorno. É essa Presença em ação que eles viram quando se envolveram na companhia com Ele, quando se tornaram amigos: eles a viram explodir diante de seus olhos. Imaginem como ficaram tocadas as pessoas que acompanharam Jesus, vendo sempre o que ele fazia. Basta ler o Evangelho com estes olhos. Procuremos nos identificar com eles.

“Jesus foi para as margens do mar da Galiléia, subiu a montanha, e sentou-se. Numerosas multidões aproximaram-se dele, levando consigo coxos, aleijados, cegos, mudos, e muitos outros doentes. Então os colocaram aos pés de Jesus. E ele os curou”<sup>26</sup>. Isso poderia parecer normal. Mas quantas pessoas se importam assim com a humanidade dos coxos, dos aleijados, dos cegos – como somos todos nós, pobres coitados –? “O povo ficou admirado, quando viu os mudos falando, os aleijados sendo curados, os coxos andando e os cegos enxergando. E glorificaram o Deus de Israel”<sup>27</sup>. Mas o que Deus tem a ver com isso? Eram fatos tão desconcertantes, tão excepcionais, que faziam pensar em Deus. “Jesus chamou seus discípulos e disse: ‘Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo, e nada tem para

---

<sup>25</sup> Giussani, L. *Em busca do rosto do homem*. Tradução de Durval Cordas, Miguel Mahfoud e Neófita Oliveira. São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, p. 17.

<sup>26</sup> Mt 15,29-30.

<sup>27</sup> Mt 15,31.

comer. Não quero mandá-los embora com fome, para que não desmaiem pelo caminho”<sup>28</sup>. E realiza o milagre da multiplicação dos pães.

“Jesus foi para o território da Judéia, do outro lado do rio Jordão. As multidões se reuniram de novo, em torno de Jesus. E ele, como de costume, as ensinava. [...] Traziam crianças para que Jesus as tocasse. Mas os discípulos as repreendiam”<sup>29</sup>. Como assim? Os primeiros a serem abraçados foram eles, e agora os outros “perturbam”? Nós logo caímos. Mas é bonito que os Evangelhos digam isso dos discípulos, pois assim nós também, que fazemos a mesma coisa, podemos ser amigos de Jesus. “Vendo isso, Jesus se aborreceu e disse: ‘Deixai vir a mim as crianças. Não as proibais, porque o Reino de Deus é dos que são como elas’. [...] Quando Jesus saiu a caminhar, veio alguém correndo, ajoelhou-se diante dele, e perguntou: ‘Bom Mestre, que devo fazer para ganhar a vida eterna?’ Jesus disse: ‘Por que me chamas de bom? Só Deus é bom, e mais ninguém. Tu conheces os mandamentos?’ [...] ‘Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.’ Jesus olhou para ele com amor [olhou para ele intensamente]”<sup>30</sup>. Como não se comover diante de alguém que olha assim para o outro, que o encontra por acaso pela rua e olha assim para ele, fita-o e o ama. Mas, depois, é como se viesse o medo de deixar tudo, e o outro vai embora triste.

“Os discípulos estavam a caminho, subindo para Jerusalém. Jesus ia na frente. Os discípulos estavam espantados, e aqueles que iam atrás estavam com medo. Jesus chamou de novo os Doze à parte e começou a dizer-lhes o que estava para acontecer com ele [não é uma camaradagem, é uma amizade, e Ele não se retrai diante da realidade, daquilo que o Pai quer d’Ele]: ‘Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem vai ser entregue aos sumos sacerdotes e aos doutores da Lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos pagãos. Vão zombar dele, cuspir nele, vão torturá-lo e matá-lo. E depois de três dias ele ressuscitará’”. E os outros, depois de ter ouvido isso, o que fazem? “Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram a Jesus e lhe disseram: ‘Mestre, queremos que faça por nós o que vamos pedir’. [...] ‘O que quereis que eu vos faça?’ [...] ‘Deixa-nos sentar um à tua direita e outro à tua esquerda, quando estiveres na tua glória!’”<sup>31</sup>. Jesus falava da sua morte e os outros pensavam no seu “lugar ao sol”, como nós.

“Jesus saiu de Jericó, junto com seus discípulos e uma grande multidão. O filho de Timeu, Bartimeu, cego e mendigo, estava sentado à beira do caminho. Quando ouviu dizer que Jesus, o Nazareno, estava passando, começou a gritar: ‘Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!’ Muitos o repreendiam para que se calasse [como nós fazemos tantas vezes]. Mas ele gritava mais ainda [como é difícil encontrar alguém que grite forte a sua necessidade!]: ‘Filho de Davi, tem piedade de mim!’ Então Jesus parou e disse: ‘Chamai-o’”<sup>32</sup>. Jesus não se espanta com aquele homem que grita, leva-o a sério, enquanto todos os outros dão de ombros: “Chamai-o!”. Com quem vocês querem estar na vida, com alguém que não dá a mínima ou com alguém que diz: “Chamai-o, pois eu me importo com o seu grito”? Existem milhares do primeiro tipo; do segundo,

---

<sup>28</sup> Mt 15,32.

<sup>29</sup> Mc 10,1 e 10,13.

<sup>30</sup> Mc 10,13-21.

<sup>31</sup> Mc 10,32-37.

<sup>32</sup> Mc 10,46-49.

daqueles que se importam com o nosso grito, vocês não vão encontrar muitos. “Eles o chamaram e disseram: ‘Coragem, levanta-te, Jesus te chama!’ O cego jogou o manto, deu um pulo e foi até Jesus. Então Jesus lhe perguntou: ‘O que queres que eu te faça?’ O cego respondeu: ‘Mestre, que eu veja!’ Jesus disse: ‘Vai, a tua fé te curou’. No mesmo instante, ele recuperou a vista e seguia Jesus pelo caminho”<sup>33</sup>.

Por que O segue? Não tem mais o que fazer? Não é um moralismo segui-Lo: ele não quer perdê-Lo. De fato, o encontro coincide “com a experiência de uma diferença que atrai. Mas diferença de quê? Da mentalidade comum, da maneira comum de conceber o que se deseja, da maneira ‘normal’ de entrar em relação com a realidade em todos os seus detalhes. O que impressiona e move são pessoas, rostos, com uma identidade mais verdadeira, mais correspondente ao coração, não determinada por toda a trama de fatores que compõem o clima social tal como é promovido pelo poder e suportado por todos. [...] O encontro com uma realidade humana viva, portadora de uma diversidade que atrai, na medida em que corresponde à espera original do coração, é a circunstância histórica por meio da qual Cristo – o destino que se fez carne, o infinito que se tornou um de nós – alcança a nossa vida agora”<sup>34</sup>.

Qual é a diferença que atrai? “O ‘gesto’ mais iluminador, o ‘sinal’ mais significativo, é a concepção que uma pessoa tem da vida, o sentimento definitivo e global que tem do homem”<sup>35</sup>, o olhar que dirige ao eu. Por isso é tão fácil reconhecê-lo. “Você sabe muito bem”, escreveu Tarkóvski, “nada dá certo, você está cansado, não agüenta mais, e de repente encontra na multidão o olhar de alguém, um olhar humano, e é como se você se tivesse aproximado de um divino escondido, e tudo se torna inesperadamente mais simples”<sup>36</sup>. Essa é a diferença que, sem saber com clareza do que se trata, uma pessoa adivinha. Um gênio como Tarkóvski a adivinha: é o divino escondido. A multidão de que fala o Evangelho a adivinha: as pessoas simples, vendo aquele Homem em ação, pensavam em Deus. “Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só [são salvas] [...] por Aquele que é o seu sentido último”<sup>37</sup>, Jesus.

Essa é a origem da diferença que nós percebemos: o divino escondido; e por isso experimentamos aquela correspondência que chamamos outras vezes “impossível”, de tanto que é rara. Pareceria impossível encontrar alguma coisa realmente correspondente, mas acontece de repente uma coisa única: é o encontro com algo objetivo – diferente de pensamentos ou sentimentos –, “o *encontro* com um fato objetivo, originalmente independente da pessoa que realiza a experiência”<sup>38</sup>. Ora, o mesmo gesto com o qual Jesus se deixa encontrar por nós, “o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento

---

<sup>33</sup> Mc 10,49-52.

<sup>34</sup> Giussani, L. *Un avvenimento di vita cioè una storia*. Roma, Edit-Il Sabato, 1993, pp. 228-229.

<sup>35</sup> Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 120.

<sup>36</sup> Cf. Tarkóvski, A. *Andréj Rublëv*. Milão, Garzanti, 1992, p. 74.

<sup>37</sup> Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Op. cit., p. 120.

<sup>38</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tradução de Neófita Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2006, p. 184.

cristão exalta também a capacidade cognoscitiva da consciência [amplia a razão], ajusta a agudez do olhar humano à realidade excepcional para a qual o homem é provocado. É o que se chama ‘graça da fé’<sup>39</sup>. É como quando você se apaixona: a presença do outro escancara tanto o seu coração, escancara tanto a sua razão, que você consegue entender o alcance que aquela pessoa tem para você. Essa é a graça da fé, do reconhecimento do Outro. Não existe a graça, de um lado, e o gesto com que Cristo se torna presente, do outro, de modo que depois não sabemos como juntá-los. Não, tudo está ali na sua frente. Ao escancara tão fortemente a sua razão, a sua autoconsciência, Deus lhe dá a capacidade crítica para avaliar, não lhe tira a cabeça para torná-lo um tolo, para que você o siga: não, ele lhe dá a capacidade de perceber o alcance do que você encontra, torna você consciente de até que ponto a Sua presença lhe corresponde. E a pessoa se dá conta de que isso é uma graça.

“Que é o homem mortal, para dele assim te lembrares, o filho de Adão, para o tratares com tanto carinho?”<sup>40</sup>. Quem somos nós para que exista alguém que tenha cuidado conosco? O encontro é uma graça. “É a consciência da gratuidade absoluta das intervenções de Deus na história que é o valor mais puro e objetivo da vida cristã”<sup>41</sup>. E Dom Giussani acrescenta: “Não existe verdade maior e mais doce e exaltante”<sup>42</sup>. Por que é tão doce e exaltante? Porque a Sua presença corresponde. “Essa impressão excepcional, esse maravilhamento inicial, de que era feito, psicologicamente? O maravilhamento inicial era um *juízo* [não um sentimentalismo, mas um juízo] que se tornava imediatamente um *apego* (como alguém que vê você no monte norte de Bérgamo e diz: ‘Que menina bonita!’, e se apega a você. [É simples assim] Dá para entender?). Era um juízo que era como uma cola: *um juízo que os colava*. Por isso, todos os dias [ficando com Ele], passavam demãos de cola e não podiam mais se libertar!”<sup>43</sup>.

### 3. A contemporaneidade de Cristo

Tomados, colados: essa é a comunhão que Ele gera. Essa capacidade de nos colarmos não é uma capacidade nossa (uma capacidade de entrarmos em acordo), é uma força irresistível com que Deus une os homens a Si pouco a pouco, de acordo com a Sua misteriosa liberdade. Essa força irresistível de unidade parte da pessoa de Jesus Cristo: era Ele que colava a todos, um por um. “Trata-se, essencialmente, de uma comunhão com Cristo.” Como diz Paola: “Parecia que eu não vivia, mas sobrevivia. No entanto, faço tudo: leio a Escola de Comunidade, faço a caritativa, participo das iniciativas dos universitários do Movimento, estudo na nossa salinha, mas eu mesma não estou lá. Nesse sentido, fico impressionada quando Reborá diz: ‘Quando se eleva o coração ao amoroso dom/ não mais se inventam os homens,/ mas são’<sup>44</sup>”. “São”: a pessoa existe, é ela por inteiro. É quando acontece esse amoroso dom que a pessoa existe. Mas, atenção: por que é

---

<sup>39</sup> Id., *ibid.*

<sup>40</sup> Cf. Sl 8,5.

<sup>41</sup> Giussani, L. *Un avvenimento di vita cioè una storia*. Op. cit., pp. 465-466.

<sup>42</sup> Id., *ibid.*, p. 466.

<sup>43</sup> Giussani, L. *L’attrattiva Gesù*. Milão, Rizzoli, 1999, p. IX.

<sup>44</sup> Giussani, L. *Le mie letture*. Op. cit., p. 57.

que ela passa a existir? Por que é que passamos a existir? Aqui é preciso nos darmos conta da redução que fazemos: nós não nos damos conta de que o que torna isso possível – por intermédio do humano – é o divino escondido. É Ele que nos cola. “Tanto o encontro com Deus como o encontro com alguma pessoa ou o encontro com a comunidade podem nascer como a evidência de um momento e viver depois apenas na lembrança [na memória]. Às vezes aparece como um ‘clarão na neblina’, mas este aparecimento fugaz nos deixa igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, ‘algo que contém algo’”<sup>45</sup>. Nós muitas vezes ficamos na aparência e não nos damos conta de que aquilo que nos atrai é o “algo que contém Algo”. Somos racionalistas até a medula dos ossos, usamos a razão como todo o mundo, e por isso nos detemos na escuridão e nunca chegamos ao Tu, não nos damos conta de que há um Outro que nos dá a vida neste instante, mesmo quando estamos na escuridão, ou ficamos na companhia parando na aparência, sem chegar ao “Algo” que está dentro daquele algo. A redução que fazemos diante da escuridão e diante do encontro é a mesma! Onde é que vemos isso? Na maneira como – depois do primeiro contragolpe do encontro – vivemos o fato de estarmos juntos, reduzindo-o. Sendo que não tomamos consciência de que aquilo que nos atraía era o divino escondido, muitas vezes nos contentamos em viver a companhia como utopia, como se a companhia é que nos desse a resposta. Ao passo que o fato de estarmos juntos é o que nos introduz cada vez mais na consciência desse divino escondido.

“Que a salvação [esta é a prova da redução] seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente [sublinhem o “continuamente”] ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se um apelo ‘espiritual’. O concreto seria outra coisa: [...] o empenho [...], a organização [tudo o que temos de fazer] [...], mas não como expressões de uma exigência de vida [por isso a pessoa pode fazer a caritativa, ou participar do grupo de responsáveis, ou trabalhar na secretaria, e afundar na organização], antes como mortificação da vida, como um peso, pedágio a ser pago a um pertencer que nos encontra ainda inexplicavelmente esperando na fila”<sup>46</sup>.

Aqui se vê a mudança de método que nós pomos em prática, sem nem perceber. Para descrever o fascínio do encontro cristão, nós usamos a palavra “correspondência”: encontramos alguma coisa que correspondia tão fortemente que nos atraía por completo, nos colava. Mas, de repente, é como se o centro afetivo se deslocasse para o que temos de fazer. Esse deslocamento pode ser visto facilmente nas relações afetivas: nos primeiros momentos, o que fascina você em sua namorada é ela mesma, é estar com ela; o bem coincide com a presença dela. Um belo dia, começa a prevalecer o que você tem de fazer: os filhos, as complicações, o trabalho. Pelo amor de Deus, tudo isso é necessário, mas você é capaz de passar dias sem nem olhar na cara dela! O centro afetivo se deslocou, está em outro lugar. Como diz Pierluigi, de uma forma aguda: “Nós afastamos a nossa espinha de quem nos gera”.

Mas nós, amigos, podemos não sucumbir a isso. O que pode nos ajudar a descobrir essa redução? “Diante de uma beleza tão clara na amizade com ela”, escreve um de vocês, “comecei a pensar que não era preciso

---

<sup>45</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 167.

<sup>46</sup> Cf. Giussani, L. *Educar é um risco*. Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Bauru, Edusc, 2004, pp. 96-97.

ser do Movimento para querer bem ao outro. No entanto, toda aquela beleza que eu vivia com essa pessoa, depois de poucos meses, não me bastava mais, pelo contrário, eu começava até a ficar entediado ao longo do dia; nem a consciência de ser amado por alguém me bastava para me puxar para a frente. Faltava-me principalmente um juízo enquanto homem. Então comecei a levar a sério a Escola de Comunidade”. Nós trocamos a correspondência do encontro cristão pela de qualquer outro relacionamento. Mas, a partir do que aconteceu, nosso amigo se deu conta do que é a comunidade. “No início eu estava convencido de que a comunidade e fazer parte dela dependesse unicamente do sentimento que existe entre nós. Mas não é essa a origem da comunidade: a origem é a comunhão com Cristo”. E cita a Escola de Comunidade: “Pelo próprio fato de entrarmos em comunhão com Cristo nós entramos em comunhão, irresistivelmente, com todos aqueles que o ‘Pai deu a Ele’”<sup>47</sup>. É conveniente para nós nos darmos conta disso. Não precisamos chegar aos quarenta anos – como exemplifica uma carta que publicamos em *Passos* – para descobrir isso. Quanto antes a pessoa o descobre, melhor é.

“Caro padre Julián [...]. Ontem fui à sua Escola de Comunidade com a esperança de que alguma coisa nova acontecesse. Tenho 43 anos, posso dizer que tenho sucesso na profissão [aquilo que todos vocês esperam, para alguns já chegou], sou um marido feliz e pai de dois filhos maravilhosos, mas, nos últimos tempos, era como se me faltasse o ar que eu respiro, pois era incapaz de viver um reconhecimento consciente da presença de Cristo, atribuindo a ‘culpa’ disso ao fato de que a principal preocupação, muitas vezes, parece ser, na prática, a comunidade enquanto organização, e eu estou muito preso a isso; é como não respirar. Ontem à noite, finalmente, re-conheci o Senhor e voltei para casa repleto da Presença dele. Pela primeira vez, depois de muito tempo, não voltei para casa vazio, com um sentimento de solidão no fundo, como acontecia mesmo quando passava noites muito bonitas com os amigos, mas sem a novidade de reconhecer a Presença real do Senhor.” Ninguém disse que a noite foi ruim: mesmo depois de uma noite muito bonita com os amigos, a pessoa pode voltar para casa vazia, porque falta Ele. “A Escola de Comunidade introduziu em mim uma novidade desconcertante, quando você disse [...] aquilo que Dom Gius sublinhava na primeira página do capítulo sobre a comunhão, uma coisa que eu tinha visto, acho que um pouco como todo o mundo, apenas como uma introdução ao tema que eu achava que era o mais importante: a parte que vem depois, a respeito da nossa companhia e da relação com ela. [O que vem antes é Ele.] Eu me dei conta de que, em última análise, eu tinha uma idéia de comunhão como problema ‘social’, de uma relação entre nós [como ficar juntos]. [...] Ontem à noite, quando você falou da comunhão como relação com Cristo, como algo que não somos nós que realizamos, mas que somos chamados a reconhecer para sermos testemunhas daquilo que Ele faz acontecer entre nós, foi como se meus olhos se abrissem. Eu era cego e, de repente, comecei a ver. Aquele monte de pessoas que tinham ido para a Escola de Comunidade, muitas delas participando da reunião de pé e todas um pouco apertadas, cansadas também, não estava ali, evidentemente, apenas porque você estava, mas porque, mesmo sem saber [...], procurava Cristo e Ele, realmente presente ali, fazia reacontecer o milagre da comunhão de uma forma tão evidente! No meio daquela multidão, tão cheia de expectativa, estava eu, inicialmente triste, depois cheio de curiosidade, após os primeiros depoimentos, e, por fim, como

---

<sup>47</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 188.

que re-nascido pelo reconhecimento da presença de Cristo que se dava em mim quando você O mostrava com suas palavras. Realmente, quando você nos pediu que prestássemos atenção à origem, que tomássemos consciência de que Ele nos faz estar juntos ‘para nos fazer entrar na sua vida, que é o fundo de todas as coisas’, que ‘a comunhão é esta Sua vida que Ele quer nos comunicar’ e que, quando a pessoa a descobre, Sua vida enche todas as coisas e a pessoa começa a experimentar a satisfação plena da vida, diante disso tudo, tive um estremecimento de surpresa e de alegria. [...] É como se de repente meus olhos se abrissem. Eu me dei conta de que um Outro estava fazendo acontecer aquele gesto”<sup>48</sup>.

Nós não estamos condenados a viver a companhia como um lugar onde a pessoa afunda; podemos viver a companhia como o lugar onde reencontramos a contemporaneidade de Cristo. A organização não é suficiente, precisamos é da contemporaneidade, precisamos de Ti, ó Cristo, é de Ti que nós temos necessidade. Se Ele não está presente agora, enchendo o coração, o cristianismo é mentira, e por isso não pode nos atrair por muito tempo. É melhor que descubramos isso o quanto antes. E nós podemos estar certos de que é verdade, de que Cristo está presente, pois do contrário não poderíamos falar assim, nem ao menos sonharíamos com estas coisas.

“A fé”, diz o Papa na nova encíclica, “é a ‘substância’ [o conteúdo] das coisas que se esperam; a prova das coisas que não se vêem [é prova]. [...] A fé não é só uma inclinação da pessoa para realidades que não de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos algo. Dá-nos já agora algo da realidade esperada, e esta realidade presente constitui para nós uma ‘prova’ [uma prova, dá para entender?] das coisas que ainda não se vêem. Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele já não é o puro ‘ainda-não’. O fato de este futuro existir muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se nas presentes e as presentes nas futuras”<sup>49</sup>.

A experiência da Sua contemporaneidade, a experiência tão “desconcertante” da Sua presença entre nós é o que nos permite entrar na realidade. “A companhia concreta, na qual acontece o encontro com Cristo, se torna o lugar do pertencer do nosso eu, do qual ele extrai a maneira última de perceber e de sentir as coisas, de captá-las intelectualmente e de julgá-las, a forma de imaginar, projetar, decidir e fazer. Nosso eu pertence a esse ‘Corpo’ que é a companhia cristã e dele extrai o critério último para enfrentar todas as coisas. Essa companhia, portanto, é a única modalidade que nos habilita à realidade, nos faz tocar a realidade e nos torna reais”<sup>50</sup>. Essa companhia é a única que nos habilita à realidade, a única que nos permite não fugir, não sucumbir ao medo, que nos impele a encarar a realidade, a encarar o que procuramos, a encarar a dor, o cansaço, o tédio, tudo! Ela nos habilita à realidade, nos faz tocar a realidade e nos torna reais. Mas para isso é preciso, como diz o Papa, aquela Presença que torna possível a fé. “O que eu busco?”, escreve Manuela. “Eu busco aquele escancaramento do coração e da razão que só Ele tornou possível.” É isso que nos habilita a olhar para tudo. “A razão necessita da fé para chegar a ser totalmente ela própria: razão e fé precisam uma da

---

<sup>48</sup> “Escola de Comunidade”. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 90, janeiro/fevereiro de 2008, p. 8.

<sup>49</sup> Bento XVI. *Spe salvi*, 7.

<sup>50</sup> Giussani, L., Alberto, S., Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão, Rizzoli, 1998, pp. 69-70.

outra para realizar a sua verdadeira natureza e missão”<sup>51</sup>.

Como é que o encontro nos habilita à realidade? Como aprendemos tudo isso? Seguindo. Seguindo um outro presente. Mas que significa seguir um outro presente? Seguir não é uma questão sentimental. “Seguir é desejar reviver a *experiência* da pessoa que o provocou e que o provoca com a sua presença na vida da comunidade, é a tensão a se tornar como essa pessoa não na sua realidade concreta cheia de limites, mas no valor ao qual ela se entrega e que, no fundo, redime também o seu rosto de pobre homem; é desejar participar da vida daquela pessoa por intermédio da qual foi levado até você algo de Outro [com letra maiúscula], e é a esse Outro que você é devoto, é a Ele que você aspira, a Ele você quer aderir, dentro deste caminho”<sup>52</sup>. Nós somos devotos do Outro que existe dentro daquela pessoa. “Seguir quer dizer ir atrás da pessoa na qual você encontra o valor, o horizonte, o conteúdo da promessa, o testemunho; mas você não segue [atenção!] a pessoa por ela mesma, pelas suas idéias; você persegue, em vez disso, o Fato que nela vive. [...] Seguir é identificar-se com uma experiência viva que mude a própria mentalidade e a própria atitude”<sup>53</sup>. Amigos, ou seja, testemunhas. E isso é o que nos habilita cada vez mais à realidade.

Termino com duas observações. O que dissemos permite viver toda a realidade como sinal. Tudo é oportunidade por meio da qual eu entro em relação com o Mistério. Sendo que esse encontro me habilita à realidade, a perceber o significado de tudo o que acontece, tudo se torna então oportunidade para uma familiaridade com ele, com o Mistério. Acompanhado por Ele, posso olhar até para a escuridão sem fim que existe dentro de mim, até o ponto de me dar conta de que Tu és, e isso me faz renascer. Toda circunstância é oportunidade para esse renascimento. Isso – é o segundo ponto – torna a vida vocação, resposta à maneira como o Mistério faz as coisas se desenvolverem na vida, resposta ao Mistério por meio das circunstâncias pelas quais Ele me faz passar, por meio da modalidade com a qual Ele me chama. Tudo se torna um acontecimento, porque tudo é oportunidade para o reconhecimento d’Ele.

8 de dezembro de 2007 (Tarde)

Assembléia

*Depoimento.* Meu nome é Francesca, estudo Direito na Universidade Católica. Quando você nos disse: “Permaneçam diante da imensidão da pergunta”, tomei consciência de quantas vezes eu me dou a resposta sozinha, simplesmente porque o desejo é grande demais e me pressiona. Por isso, eu cedo à pressa e à pressão de ter uma resposta. Você nos lembrou o silêncio e a oração como condições para deixar aberta a pergunta. Para mim, parece que isso não basta.

*Carrón.* Você diz que se dá a resposta sozinha pelo fato de que o desejo é grande demais. Mas será que não é porque você não se dá conta de que o desejo é grande demais que pensa que pode dar a resposta a si

---

<sup>51</sup> Bento XVI. *Spe salvi*, 23.

<sup>52</sup> Giussani, L. *Educar é um risco*. Op. cit., pp. 99-100.

<sup>53</sup> Id., *ibid.*, p. 100.

mesma? Se você entendesse a imensidão da pergunta, não procuraria dar a você mesma a resposta, sentiria agudamente a sua desproporção diante da resposta. Devemos olhar para a experiência: às vezes não dizemos o que experimentamos.

Você acrescentou que as condições que eu havia indicado ontem para deixar aberta a pergunta eram o silêncio e a oração: mas não são necessários apenas o silêncio e a oração, é preciso dar espaço à imensidão da pergunta com a vida inteira. Quando você está entediada, depois de horas de estudo, não deve apenas rezar as orações, mas, sim, lidar com o fato de que está entediada ou cansada ou cheia. Mesmo na noitada mais bonita, você pode se sentir ferida pela imensidão da pergunta. Não é apenas em certos momentos que eu me dou conta disso. É preciso fazer um acerto de contas com a realidade, com toda a experiência: mesmo no momento mais bonito, falta ainda alguma coisa. É na decisão entre sermos leais com a realidade tal como ela aparece ou não que se aposta toda a vida.

*Depoimento.* Meu nome é Virginia, da Universidade Católica. Ontem à noite você disse: “Nós estamos sempre à espera, uma espera devida a uma falta dolorosa. Mas essa falta é sinal de uma Presença que existe”. Eu sinto muitas vezes essa falta dolorosa, e intuo que existe uma resposta, justamente pelo fato de existir essa falta, essa necessidade. Mas não entendo a passagem que você faz, quando diz que a espera é sinal de uma Presença que existe.

*Carrón.* Tomemos como ponto de partida um exemplo que talvez seja mais fácil para você entender. Você se apaixona. Quando se levanta de manhã, quando está sozinha, ou quando sente as coisas pesadas, ou quando lhe acontece alguma coisa bonita, a outra pessoa lhe faz falta?

*Depoimento.* Faz.

*Carrón.* Ora, o fato de essa pessoa lhe fazer falta nessas situações é ou não é sinal de que a outra pessoa existe?

*Depoimento.* É claro que é.

*Carrón.* Aí é que está. Mas nós, muitas vezes, pensamos que a falta é simplesmente isto: falta. Mas o fato de o outro lhe faltar é sinal da presença dele. Você se dá conta, em certos momentos, sobretudo quando está apaixonada, de que tudo o que é chamada a viver lhe dá o desejo de tê-lo a seu lado: a falta que você percebe é o sinal da presença dele, de uma presença que existe. É a maneira mais simples de introduzi-la na compreensão do que estamos dizendo. Você pode também pensar em como a criança sente a falta da mãe. Partindo desse exemplo, você pode começar a se dar conta de que, toda vez que lhe falta alguma coisa, essa falta é sinal de uma Presença que existe, da presença d’Ele que a desperta de novo constantemente, do Mistério; e toda vez que você se depara com a realidade, não pode evitar sentir essa falta, pois a realidade é sinal do Mistério. É como se, como observava Dom Giussani, de dentro da sua experiência o Mistério lhe dissesse continuamente: “Virginia, sou eu aquilo que lhe falta em todas as coisas que você experimenta”.

*Depoimento.* Meu nome é Alberto e estudo Educação Física em Parma. Nestes dias ficou claro que quanto mais estou apegado à realidade, a esta companhia, mais aparece a pergunta de que você falou, além

da desproporção entre o meu limite e a proposta a que sou chamado a aderir. Mas eu gostaria de eliminar esse limite, pois ele me parece um menos, uma falta que...

*Carrón.* E a gente consegue eliminar esse limite?

*Depoimento.* Não. Daqui me veio a pergunta: por que, para você, o limite é um aliado, enquanto eu o vejo como um infortúnio ou um inimigo que deve ser combatido, algo que me incomoda?

*Carrón.* Continuemos o exemplo que dávamos antes a Virginia. O fato de você sentir falta da sua namorada, que o faz se lembrar dela, é um inimigo ou um aliado?

*Depoimento.* É um aliado.

*Carrón.* Pronto. Vocês distorcem as coisas, porque é como se diante do que acontece estivessem sozinhos. Sendo que eu não estou sozinho, para mim o limite, a falta, diante das coisas, é um aliado, como acontece a você com a namorada: só para quem não tem namorada a falta é um inimigo.

*Depoimento.* Meu nome é Chiara, de Florença. O que é essa religiosidade de que você fala? Eu cheguei à universidade sem saber se tinha fé ou não. Agora, depois de ter encontrado o Movimento, sinto uma exigência de ir à Missa e aos gestos, mas não entendo o que a religiosidade tem a ver com a razão ou com as escolhas de todos os dias.

*Carrón.* Espero que, pouco a pouco, ficando conosco, você entenda o que isso significa. O nosso ponto de partida, como você viu, é a realidade. É a realidade que desperta a pergunta em você: isso acontece diante da beleza de alguma coisa, como também diante da dor ou do tédio. Eu lhe pergunto: diante da página do livro, do esforço que você faz para entendê-la, é urgente para você saber qual é o significado dessa página? Esse significado já é claro para você? Ainda não, é misterioso. Muitas páginas da sua vida são ainda misteriosas. Em outras palavras: a realidade abre você ao Mistério. Isso é o que nós chamamos religiosidade.

A religiosidade não é um sentimento que uma pessoa pode ter e outra pode não ter. Isso não nos interessa, não somos sentimentais: somos pessoas que querem viver a realidade, que querem entrar em todos os seus aspectos. Tudo o que temos à nossa frente nos desperta de novo uma pergunta à qual temos a urgência de responder. Sentimos dentro das nossas entranhas a urgência de responder, mas, quanto mais procuramos responder, mais essa realidade nos remete para além, nos remete para um Mistério que não somos capazes de dominar. Quanto mais vivemos a realidade, mais nos tornamos religiosos, ou seja, mais grita em nós a exigência de uma resposta. Para nós, a religiosidade é o cume da razão, não a ausência da razão, como para muitos outros. Para muitas pessoas a religiosidade é aquele sentimento religioso que alguns têm e outros não têm, e que a pessoa resolve praticando certos atos de devoção. Para nós, a religiosidade é entrar na realidade até o significado, até o Mistério. Por isso tem a ver – e como! – com a razão.

*Depoimento.* Meu nome é Giuseppe, estudo Economia na Universidade Católica. Hoje, mais de uma vez, ficou evidente que o ponto de salvação é o encontro contínuo com a presença de Cristo. Você nos indicou isso várias vezes, desafiando a nossa razão a ir até o fundo; várias vezes se interrompeu para nos fazer notar como hoje também, agora também, Cristo está presente e age. Mas, no dia-a-dia, é humanamente difícil para

mim, se não quase impossível, sustentar sozinho esse desafio. Você dizia que precisamos mudar a nossa mentalidade, nos identificando com uma experiência viva que a possa mudar. Eu gostaria que você me explicasse melhor esse último ponto.

*Carrón.* O que é difícil é estar diante da realidade sem Ele. Como você consegue, se ama uma pessoa, viver a dor ou as dificuldades ou a solidão sem ela? O problema, portanto, é justamente o contrário do que pensamos: quando a pessoa já encontrou uma presença que torna a sua vida plena, a coisa realmente difícil é viver sem ele ou ela. Então, o ponto não é que é difícil sustentar esse desafio, como você dizia, mas que nos falta essa familiaridade com o uso da razão e com o nosso humano, que urge a presença de um Outro. Seria simples, portanto, se nós fôssemos tão coincidentes conosco mesmos a ponto de experimentar essa urgência de um Outro. Muitas vezes, como dissemos hoje de manhã, é como se não a experimentássemos, e então tudo se torna difícil, complicado, é como se a pessoa tivesse de se autoconvencer, como se fosse uma coisa de intelectuais. Mas não é: é a vida que urge o reconhecimento d'Ele, pois do contrário a pessoa não a suporta. Você, quando está lá atolado numa dificuldade, faz muita força para se lembrar da sua namorada? Diga-me se é autoconvencimento ou intelectualismo ou outra coisa ainda! Não, é a coisa mais simples. Para nós, é como se tudo se complicasse. No entanto, é fácil, desde que não pretendamos sustentar sozinhos esse desafio.

*Depoimento.* Meu nome é Alessio, de Perúgia. Hoje de manhã você disse que queria nos acordar para nos dizer que Ele existe, está presente. Minha dificuldade é sobre o fato de a relação com Cristo ser uma coisa que acontece agora, e cada segundo a oportunidade para reconhecê-Lo. Você citava a frase: “Você sabe muito bem, nada dá certo, você está cansado, não agüenta mais, e de repente encontra na multidão o olhar de alguém, um olhar humano, e é como se você se tivesse aproximado de um divino escondido, e tudo se torna inesperadamente mais simples”<sup>54</sup>. Há momentos em que reconhecemos esse olhar, ele é muito claro, mas e depois?

*Depoimento.* Meu nome é Gennaro, de Teramo, e tenho uma pergunta semelhante à que acabou de ser feita. Você disse hoje: “Do que era feito o maravilhamento inicial? Um juízo que logo se torna um apego”. Se eu olho para a minha vida, posso citar muitos exemplos que testemunham esse apego. Se alguém viesse me perguntar: “Por quem você daria a vida?”, eu diria imediatamente: “Pelo Movimento, por Jesus”, porque tenho muitas provas disso, ou seja, dou minhas energias, meu tempo, mudei de amizades, os relacionamentos que me constituem estão aqui. Mas eu sei, ao mesmo tempo, que não é como era para João e André, ou do jeito como você falava hoje de manhã, tanto é que só fiz a experiência do divino escondido de uma maneira evidente no início, raramente depois disso. O que pode me ajudar nisto?

*Carrón.* Esta é uma questão fundamental, é a verdadeira questão: afinal, Cristo permanece? Permanece contemporâneo a nós? Todos dizemos: “No início, sim, mas depois...”. Seria preciso fazer uma tese de

---

<sup>54</sup> Cf. Tarkóvski, A. *Andréj Rublëv*. Op. cit., p. 74.

doutorado sobre esse “mas depois”. Dom Giussani, como eu dizia hoje de manhã, usa esse “mas depois” para desmascarar a mudança de método: no início, esse encontro estava no centro, mas depois prevalece a organização, prevalece uma outra coisa. Você dizia agora: “Fiquei maravilhado no início, mas depois...”. É nessa questão que nós apostamos tudo, pois é aqui que se decide a possibilidade ou não de ver a diversidade de Cristo. Realmente, poderíamos dizer esse “mas depois” a respeito de tudo, mas, se tivermos de dizê-lo também a respeito de Cristo, isso significa que estamos acabados. Todos nós já nos entusiasmos com alguma coisa, várias coisas já nos atraíram, tocaram, arrebatarem: podemos fazer uma lista que não acaba mais de coisas que inicialmente nos tomaram, mas depois... Se isso acontece também com Cristo, podemos “ir para casa”, pois a diferença de que eu falava hoje de manhã não existe. É nisso que apostamos a nossa vida. Eu pergunto: a questão é que “mas depois não existe mais” ou que eu não O reconheço?

*Depoimento.* Que eu não O reconheço.

*Carrón.* Significa, então, que é preciso uma educação que me ensine a usar a razão. No início, você O reconheceu. No instante seguinte, a gente pensa que esse reconhecimento já é algo mecânico, que já não é preciso que a gente se mexa. Quando você encontra a menina que foi feita para você, a reconhece, mas, dois dias depois, tem de recomeçar, tem de arriscar a sua liberdade, vai procurá-la e lhe diz mais uma vez: “Eu gosto de você”, com toda a sua comoção. Por que é que não lhe diz uma vez: “Eu já lhe disse isso há três dias”? Porque você precisa dizer isso de novo. Você o reconheceu há três dias, mas agora tem a oportunidade de reconhecê-lo mais uma vez. Nada é mecânico, o seu eu está lá presente, em jogo, quando você se surpreende: “Que beleza é essa que passa bem na minha frente!”. Se você se acostuma, se não se dá conta continuamente do que o impressionou da primeira vez e acha que é uma coisa óbvia, normal, ela não lhe diz mais nada. Você começa a pensar: “É só isso?”.

De novo, o que para vocês é um obstáculo para mim é uma oportunidade entusiasmante, pois é a possibilidade de dizer “Tu” a Cristo todas as manhãs. Eu não quero que isso seja mecânico: fiquem vocês com o mecanicismo, a mim não me interessa. Eu quero, e cá entre nós penso que com vocês acontece a mesma coisa, ouvir alguém me dizer “eu gosto de você” todos os dias como algo novo. É verdade ou não é? O mesmo vale na relação com Cristo. Por isso, é preciso sempre um eu que O reconheça, é preciso um eu que esteja presente. Se eu O reconheci uma vez, isso significa que Ele existe – existe! –, não que eu O invento para mim. Mas agora não O reconheço mais. Por isso, muitas vezes, a última pessoa que chega à comunidade nos faz tomar consciência daquilo que nós temos e não vemos, não reconhecemos: não é que isso não existe, tanto assim que essa pessoa fica extremamente impressionada, mas nós não O reconhecemos. Ou será que essa pessoa também é uma visionária? Não, ela, com toda a sua simplicidade, se deixa impressionar por aquilo que existe, e nós ficamos aqui dizendo: “No início eu ficava maravilhado, mas depois...”.

Este é o desafio, esta é a educação, este é o trabalho que precisamos fazer: em vez de ficarmos parados, precisamos começar a usar a razão. Você, para se dar conta de que Alguém o faz, não deve se autoconvencer, deve usar a razão, deve fazer um trabalho. Para nós, o trabalho é um escândalo. Ao contrário, é a única possibilidade que eu tenho de reconhecer o que existe: usar a razão, ou seja, me dar conta da realidade

segundo todos os seus fatores. Do contrário, como todo o mundo, ficamos sempre na aparência, e, sobretudo, perdemos a melhor parte. Como quando você olha para a sua namorada sem se maravilhar pelo fato de que ela existe: você dá isso por óbvio, já não se impressiona com isso, mas assim perde a melhor parte. Pense na primeira vez ou em todas as vezes em que se maravilhou com ela e diga-me se é igual a quando você está lá como uma pedra. Por isso, esse trabalho nos convém.

*Depoimento.* Isso vale também para a afeição? Para mim, a afeição parece mais uma coisa espontânea.

*Carrón.* Não, a afeição segue o reconhecimento da razão. “O amor”, diz Dom Giussani, “é um juízo que arrasta consigo toda a afeição”<sup>55</sup>. Como eu disse hoje de manhã, o apego é um juízo. “Como essa menina é bonita”: é um juízo. É o primeiro movimento que você fez diante da sua namorada: “Como essa menina é bonita; gostei dela”, o juízo arrastou toda a afeição. Não é que o juízo vai para um lado e a afeição para o outro: “Como ela é feia”, “Gostei dela”. Se não nos damos conta de como as coisas surgem, nós as separamos uma da outra, como se fossem peças de jogos mentais. Não, não são jogos mentais: é a descrição de uma experiência, que nós não paramos para olhar.

*Depoimento.* Eu me chamo Francesca e faço doutorado em Roma. Ouvi você dizer muitas e muitas vezes que na companhia, ou nos relacionamentos que nos fazem experimentar uma correspondência, Jesus está presente. Eu me dou conta, vivendo a minha vida, de que dependo em tudo de Alguém e também de que algumas amizades fazem a diferença, são excepcionais. Mas tenho dificuldade para entender e até para admitir que Jesus esteja presente e aja nas amizades, ou seja, que esteja aqui, até porque, se fosse assim, seria extraordinário, quer dizer, eu não teria mais de ter medo de nada...

*Carrón.* É disto que você não se dá conta: de que “é” extraordinário. Era por isso que eu tinha vontade de acordá-los hoje de manhã. Não sou um visionário.

*Depoimento.* E a coisa que mais espontaneamente me pego a dizer quando vejo essas amizades diferentes é que nós viemos de uma educação também diferente, que é a educação cristã, e não que Cristo está presente.

*Carrón.* Sim, mas o que significa “educação cristã”? Significa – vejam como damos isto por óbvio – que existe alguém tão completamente presente a ponto de nos educar a olhar para a realidade de uma maneira verdadeira. Mas, para que exista alguém com essas características humanas, que nos educa assim, é preciso a presença d’Ele.

Seria preciso dar uma explicação muito mais longa para tudo isso, mas imaginemos os discípulos: depois de ficarem desorientados com a paixão e a morte de Jesus, eles voltaram a se reunir. Se você olhar atentamente para o desorientamento dos discípulos, não pode deixar de se perguntar: bastava que eles combinassem entre si, para se reunirem de novo, era um problema de educação entre eles, ou era preciso ter havido a ressurreição de Cristo?

*Depoimento.* Era preciso a ressurreição.

*Carrón.* Dali começou uma história que chega até aqui. Ora, o que nos acontece diante da realidade da

---

<sup>55</sup> Cf. Giussani, L. “O amor a Cristo, raiz do trabalho”. Tradução de Carlos Augusto Farias. In: *O eu, o poder, as obras*. São Paulo, Cidade Nova, 2001, p. 71.

presença d’Ele nos acontece diante da vida. Você, num belo dia, nasceu. Depois, parece que todo o resto tenha sido um problema de educação. Mas para você é óbvio que não é a educação que lhe dá a vida, é um Outro que dá a vida a você, e depois você se educa a vivê-la. Quem é que lhe dá a vida a cada instante?

*Depoimento.* Deus.

*Carrón.* Deus. E quem é que torna possível a cada instante essa presença que educa você a olhar para a realidade de uma determinada maneira? Portanto, nós podemos reconhecer que Cristo está presente quando O vemos em ação, quando encontramos sinais que não podemos remeter a uma capacidade nossa. O fato de eu perceber o valor de uma outra pessoa, enquanto todos a pisam, de perceber uma intensidade da vida e experimentar uma liberdade em meio a uma situação complicada, de respirar quando os outros sufocam, isso tudo não sou eu que me dou: é o sinal da presença d’Ele. Milhares dessas coisas acontecem bem debaixo dos nossos olhos, mas nós não nos damos conta delas. É nesse sentido que digo que somos racionalistas como todo o mundo, que vemos a realidade como todo o mundo: quando estamos na escuridão, estamos na escuridão total, e aí não há absolutamente mais nada; quando estamos diante da vida que vivemos juntos, da comunidade da Igreja, paramos na aparência. Em ambos os casos, o que falta é um uso da razão que me torne consciente de todos os fatores, também da presença d’Ele, que é a única coisa que explica o que estou vivendo.

Isso significa que é preciso uma educação, mas que não é uma educação que gera Cristo: a educação da razão facilita o reconhecimento d’Ele. Se eu morasse a seu lado por um mês, gostaria de ajudar você neste percurso de reconhecimento, pois a presença d’Ele se apresenta aos nossos olhos todos os dias. Espero que você tenha amigos que a ajudem a reconhecê-Lo.

*Depoimento.* Meu nome é Valentina e estudo em Bolonha. Sobre o que você dizia hoje de manhã a respeito do seguimento, eu gostaria de perguntar: como é possível atravessar a carne e conseguir alcançar e seguir o Outro que está atrás daquela pessoa?

*Carrón.* Posso lhe dar um exemplo? Imagine que sua mãe esteja gravemente doente. Você a leva a um médico espetacular, simpático, mas que não entende porcaria nenhuma da doença de sua mãe. Depois ouve dizer que há um médico que entende de verdade daquela doença, mas que tem um temperamento daqueles. Você se deteria na carne, no “temperamento daqueles”, ou ficaria contente pelo fato de haver um médico capaz de curar sua mãe?

*Depoimento.* Eu ficaria contente por haver um médico que a curasse.

*Carrón.* Está claro?

*Depoimento.* Claríssimo.

*Carrón.* Muitas vezes, nós paramos no limite do outro e não reconhecemos o bem que ele carrega por dentro, o “Algo dentro de algo”. Mas quando você quer o bem do outro não se detém diante desse limite, do “temperamento daqueles”. Se alguém lhe dissesse: “Como assim, Valentina? Você vai levar sua mãe a um médico desses?”, você diria: “E de que jeito não levaria! O que importa é a vida da minha mãe!”. Você não se deteria no limite do médico.

*Depoimento.* Meu nome é Filippo, de Pavia. Hoje de manhã, você disse, falando da companhia, que é o lugar em que encontramos a contemporaneidade de Cristo. Estou fazendo o trabalho de conclusão de curso e todos os dias vou à universidade para ver meus amigos: preciso estudar, mas vou lá só para vê-los. Fui alguns dias à biblioteca e eles estavam todos na aula, por isso, no fim, eu acabava estudando sozinho. Então disse a mim mesmo: “Não é verdade que Cristo está relegado aos rostos dos meus amigos; eu posso pedir que Ele venha até onde eu estou”. Assim, no dia seguinte fiquei no apartamento, estudei as minhas coisas e pedi que Jesus estivesse presente ali. Mas, então, que significa a contemporaneidade de Cristo na companhia, se eu mesmo posso torná-Lo contemporâneo?

*Carrón.* Você pode torná-Lo contemporâneo? Você pode gerá-Lo? É a questão que o Papa enfrentou em Verona. Nós somos criadores ou testemunhas? Somos nós que criamos Cristo e a Sua contemporaneidade ou O reconhecemos?

*Depoimento.* Eu sei que não O crio, mas sei também que meus amigos também não O criam, ou seja, eles são sinal...

*Carrón.* São sinal.

*Depoimento.* Encontrei pessoas que estão sozinhas em seus ambientes profissionais, mas vivem uma relação com Cristo extremamente pessoal, e eu desejo viver uma coisa assim.

*Carrón.* Mas todos, mesmo aqueles que têm uma relação extremamente pessoal, foram introduzidos nela pela companhia da Igreja. Depois, é verdade que, quando você pega o metrô ou está sozinho estudando, pode reconhecê-Lo lá também, ou pode ir, como faziam os missionários, para determinados lugares e ficar lá trinta anos sem conseguir batizar ninguém. Onde é que estava Cristo, ali? São Francisco Xavier foi para a Índia levando consigo todas as cartas de seus amigos: estava ligado aos amigos da companhia. E reconhecia Cristo ali, na Índia. Cristo se torna contemporâneo na companhia da Igreja e está sempre presente, mesmo na ação mais isolada que um cristão possa realizar, pois essa ação está sempre em relação com a companhia da Igreja: sem essa companhia da Igreja, você não poderia ter reconhecido Cristo. Você entra em relação com a presença d’Ele, e tem consciência disso, por intermédio da companhia da Igreja. É por intermédio dela que você pode reconhecer que Ele está presente. É por isso que pode reconhecê-Lo e afirmá-Lo onde quer que se encontre, mal se levanta de manhã, quando anda de metrô, quando está cansado, quando está sozinho. Mas quem é que o introduz nessa contemporaneidade, na contemporaneidade de Cristo vivo, presente entre nós? A Igreja. Se a pessoa O reconhece aqui, amanhã de manhã ou depois de amanhã, quando estiver sozinha estudando, pode pedi-Lo e reconhecê-Lo lá também. Não é que nós O criamos: nós podemos reconhecê-Lo onde estamos porque O reconhecemos na companhia da Igreja, onde Ele se torna contemporâneo.

*Depoimento.* Meu nome é Lucia, da Engenharia de Bolonha. Eu observo na minha vida uma enorme facilidade para deslocar o meu centro afetivo, da beleza que eu vejo, para as coisas que tenho de fazer, e percebo, contra a minha vontade, que eu, por mim mesma, depois não consigo voltar atrás. O que é que pode me ajudar a não me deixar levar sempre a fazer esse deslocamento?

*Carrón.* E por que é que você quer voltar atrás? Não está bem assim?

*Depoimento.* Eu me dou conta de que vivo mal muitas coisas.

*Carrón.* E aí...?

*Depoimento.* Aí eu quero voltar atrás...

*Carrón.* Você experimenta que não é a mesma coisa ter como centro afetivo a pessoa que ama ou aquilo que tem de fazer. Quando o centro afetivo muda, acontece alguma coisa em você: esse mal-estar é o que mais a ajuda a retornar. Todos nós mudamos de posição, não é esse o problema. Mas o que é que faz você retornar? O que é que faz a criança retornar a sua mãe? O que é que faz você retornar à pessoa que lhe quer bem? Não é um “raciocínio”, mas não eliminar o que é humano em você, a sua urgência. Porque fazer um monte de coisas não a realiza como a outra presença a realiza. E você experimenta que não é a mesma coisa. É preciso uma lealdade diante daquilo que nos acontece, do contrário tudo se torna muito artificioso. Quando tomamos como ponto de partida a maneira como agimos, aí conseguimos entender. Se você ficasse muito bem quando desloca o centro afetivo para aquilo que tem de fazer, por que deveria se preocupar em trazê-lo de volta para o lugar em que estava antes? Você tem essa urgência porque fazer um monte de coisas não a satisfaz da mesma forma como a satisfazia aquele relacionamento. De novo, é a sua humanidade que se torna sua aliada, pois você não consegue sucumbir às coisas que tem de fazer como se isso não fosse nada; há sempre uma espécie de chamado de atenção, de dentro da sua experiência, que lhe diz: “Mas você não vê que esse monte de coisas que você faz não a torna nem por um instante tão feliz como eu a torno?”. A correspondência única, “impossível”, que você experimentou é um ponto do qual não há retorno: se você desloca seu centro afetivo, não encontra mais a mesma experiência. Isso demonstra a verdade de Cristo, a verdade única que é Ele. Por isso, a pessoa fica com vontade de retornar. O nome disso é memória.

*Depoimento.* Meu nome é Laura. Você hoje falava do seguimento e dizia que ele é o desejo de reviver a experiência da pessoa que nos provocou. Mas, para mim, seguir uma pessoa que me fascina significa muitas vezes fazer aquilo que ela faz. Mas quando eu faço isso me dou conta de que me falta alguma coisa, não fico satisfeita e me resigno. O que significa seguir de verdade e o que significa ser devoto daquele Outro que está dentro daquela pessoa?

*Carrón.* Para lhe responder, leio uma carta que não utilizei hoje de manhã porque já estava ficando muito tarde. “Eu gostaria de contar o que me aconteceu durante este ano e que se tornou, nestes últimos meses, tão evidente a ponto de me obrigar a dizer que a minha vida mudou na raiz; ou melhor, antes mesmo que eu chegasse a dizer isso, eu o ouvi de pessoas que tinha e tenho ao meu redor. Eu sempre tive, até por minha história pessoal, pelas coisas que vivi, a percepção clara de que a minha vida estava ligada a um Mistério. Essa percepção, porém, sempre foi, na experiência do dia-a-dia, dominada por uma nota dolorosa e, no fim, sufocante, que não me permitia viver plenamente livre. Eu nunca entendi por que quem me pôs no mundo permitiu uma experiência como essa, e por isso, há um ano, farta e já completamente cética, deixei de frequentar o Movimento e até de tomar os sacramentos: não entendia por que tinha de viver o laço com uma realidade que de fato me parecia não me permitir fazer uma experiência de liberdade real na minha vida

cotidiana, nas amizades e diante dos meus desejos. Nesse momento, houve uma pessoa que olhou para a minha vida com uma seriedade e um empenho que ainda hoje me comovem, movem a minha pessoa, a põem em movimento. Eu não me dava conta disso, mas, no relacionamento com essa pessoa, no reflexo da seriedade, da ternura e da absoluta liberdade com que ela me olhava, começava a experimentar o que significava ser amada e livre e vivia acompanhada por aquele olhar que lentamente começava a fazer parte da percepção que eu tinha de mim mesma, pois eu o permitia, ou seja, cedia à absoluta conveniência e beleza dessa experiência. A minha vida não tinha mudado, a minha dor e as dificuldades continuavam, mas começava a se inserir um elemento de experiência nova, completamente diferente. Essa pessoa sempre me falava do Carrón [eu não conheço essa garota], e eu, por isso, comecei a ir algumas vezes a Milão para a sua Escola de Comunidade: eu queria entender e viver a origem daquela coisa nova que via. Lá, vi em ação um método de trabalho que me convenceu até o fundo e me ligou a ele, pois a maneira como ele olhava para as pessoas que tinham as mesmas perguntas que eu me indicava um caminho, uma maneira muito concreta de fazer a experiência que ele fazia e que me interessava”. Seguir é se identificar com a experiência que uma outra pessoa faz; nós não seguimos a pessoa, mas a experiência que ela traz consigo, o Fato que vive nela. “Estar ali me permitiu entender pouco a pouco os passos da experiência que eu precisava começar a fazer para viver aquela intensidade que me fascinava, pois tinha sido a intensidade a que meu coração, com o tempo, havia cedido. A partir dali, lentamente, essa experiência nova se tornou desconcertante. Eu poderia contar muitas coisas...”. A prova de que não ficamos num trabalho puramente intelectual no reconhecimento da Sua presença, mas que tocamos o fundo da realidade, o Tu que é a origem de tudo, é que renascemos.

Ora, seguir é se identificar com a experiência que um outro faz, de modo tal que essa experiência pouco a pouco se torne minha. Não sigo as feições particulares daquela pessoa: sigo a experiência objetiva que ela faz, ou seja, o que me fascina na sua maneira de viver, como Dom Giussani me fascinava. Durante anos, eu via Dom Giussani uma vez por ano, de longe, quando participava de um encontro como este, mas meu único desejo era me identificar cada vez mais com a experiência que ele nos comunicava quando falava. Pouco a pouco, retomando as coisas que ele dizia, me identificando com o olhar que ele tinha, vendo como reagia diante das coisas, das pessoas, vendo como se introduzia na realidade, ou seja, olhando para a experiência que ele fazia, essa experiência se tornava cada vez mais minha companheira, se tornava companhia para mim. Enquanto eu vivia em Madri, no meu cantinho, sem que ninguém soubesse que eu estava lá, ficava “namorando” a experiência que via num outro.

Por isso, ninguém pode me dizer, seja lá qual for a circunstância em que vive, que não pode fazer a mesma coisa, por não ter sei lá que tipo de condições: qualquer um pode fazer o mesmo, se eu o fiz. Eu digo isso por vocês, pois muitas vezes, se a pessoa não tem as condições que imagina, renuncia, deixa pra lá. Não digo isso para fazer um louvor a mim mesmo, mas para mostrar que é uma possibilidade para todos: se eu o fiz, qualquer um pode fazer, qualquer que seja a circunstância. Um exemplo disso é a carta de Vicky<sup>56</sup>, que eu li no Dia de Início de Ano e que todos conhecem: o fato de uma pessoa com Aids, em Campala, poder viver com aquela letícia, com aquela consciência, significa que não há circunstância humana na qual a

---

<sup>56</sup> “A esperança maior”. In: *Passos Litterae Communionis* n° 87, outubro de 2007, p. 29.

pessoa não possa experimentar a plenitude que Cristo trouxe para a vida. O que nos interessa é isso. Seguir, então, é seguir a experiência que a Vicky faz, é seguir a experiência que a Cleuza Zerbini faz<sup>57</sup>, é seguir a experiência que um outro faz e que você deseja cada vez mais que se torne sua. Basta se identificar com essa forma que o Senhor põe à sua frente e por meio da qual lhe diz: “Minha querida, isso é para você, eu ponho ao seu lado a presença destas pessoas, não lhe mando um bilhete, não lhe dou um manual de instruções: eu a amo tanto que ponho alguém ao seu lado para que você comece a entender o que é a vida, para introduzi-la na realidade, para fazer você descobrir que a vida pode ser cem vezes mais intensa”. O resto cabe a você.

*Depoimento.* Meu nome é Clara e estudo Medicina na Universidade Tor Vergata, em Roma. Quando você falava do enfraquecimento da nossa relação com a realidade, do fato de que nos esquivamos do empenho com a realidade e com as perguntas que ela suscita, fiquei com a impressão de que isso vem da falta de um juízo nas circunstâncias boas e ruins que eu vivo todos os dias: é como se eu ficasse sempre na superfície, sem reconhecer até o fundo a conveniência do cristianismo. Eu gostaria que você retomasse o que dizia a respeito da companhia como única modalidade que nos habilita a vivermos a realidade e a sermos reais.

*Carrón.* Eu entendi na pele que a companhia nos habilita a viver a realidade. Quando encontrei o Movimento, já era padre; e não é que não tivesse levado a sério a proposta que me haviam feito no seminário, mas a relação com a realidade, num certo sentido, não era marcada por isso, e eu me dava conta. A companhia me habilitou a entrar na realidade justamente no sentido que eu dizia antes: graças ao encontro com Dom Giussani e com o Movimento, eu tinha a possibilidade de me identificar com alguém de quem aprendia a entrar na realidade com um olhar, uma simpatia, uma capacidade de novidade que eu antes não tinha. Não é que antes não acreditasse e então começasse a acreditar: o fato é que é preciso haver a contemporaneidade de Cristo numa companhia para que a nossa mentalidade e a nossa postura mudem. É a presença d’Ele na companhia, é a possibilidade de nos identificarmos com uma experiência viva que muda a nossa maneira de conceber e tratar a realidade. Por isso eu preciso constantemente desta companhia, é esta companhia que me habilita a entrar na realidade. Tanto é que eu, que tinha conhecido o Movimento quase por ouvir dizer, porque alguém me havia falado dele, e que quase não tinha feito aquilo que chamamos “um encontro”, me dei conta do que era o Movimento, de que tipo de novidade tinha entrado na minha vida, justamente a partir da maneira como começava a viver a realidade: esse encontro me havia habilitado a viver tudo de uma maneira diferente. Eu não me dei conta disso porque passei a fazer mais orações ou a ter mais imaginação, mas porque, dando aulas aos jovens, começava a viver essas coisas com uma intensidade e uma novidade que antes não conhecia. Neste sentido, a companhia me habilitou a viver a realidade – e desde então cada vez mais –, me habilitou a olhar para a escuridão, a olhar para a morte de meu pai, a mudar de cidade aos cinquenta anos, a viver tudo. Isso lhe interessa?

*Depoimento.* Sim.

*Depoimento.* Meu nome é Liza e eu venho da Birmânia. Gostaria de lhe perguntar: quando estou na

---

<sup>57</sup> Cf. “Um encontro para entrar na realidade”. In: *Passos Litterae Communionis* n° 88, novembro de 2007, p. 6.

Birmânia, trabalhando com as crianças para a AVSI (Associação de Voluntários para o Serviço Internacional; *nde.*), entendo que tenho alguma coisa em comum com elas, mas não é a mesma coisa que vivo aqui, na relação com vocês. Com vocês, eu vejo a companhia de que estamos falando, mas, quando volto para lá, estou sozinha. Como posso viver essa companhia lá também?

*Carrón.* Esta é a questão: “Quando volto para lá, estou sozinha”. Não é verdade! Porque você, quando volta para lá, Liza, não pode tirar de você, da sua pele, dos seus olhos, tudo o que viveu aqui. Você, Liza, não é mais como era antes. Como eu, depois de ter encontrado Dom Giussani, não podia voltar para Madri como era antes: estava todo invadido por aquela presença, por aquela maneira de enfrentar a realidade, e podia retomar o que ele dizia da mesma forma como você pode retomar o que vimos hoje, para que esta companhia a habilite a entrar na realidade. Quando, em meados deste ano, um de nossos amigos me fez a mesma pergunta que você fez, porque, depois de concluir a universidade aqui, transferiu-se para os Estados Unidos e estava sozinho, como você, eu me entusiasmei, porque, respondendo a ele, dizia: mas qual é a diferença entre você e eu, entre você, que está nos Estados Unidos, na Birmânia, e tem de reconhecê-Lo, e eu, que estou aqui na Itália, cercado por todo o Movimento? Não há diferença nenhuma. De fato, eu posso estar aqui em Milão cercado por todo o Movimento e rezar o *Angelus* distraído, passar os dias sem reconhecê-Lo. E estou contentíssimo pelo fato de ser assim, pois isso significa que eu, chefe ou não chefe, não sou poupado de nada, significa que não existe uma toca, um cargo que me possa poupar desse reconhecimento, e eu não quero que ninguém me poupe disso. Você tem a possibilidade de viver isso lá, tal como eu o vivo aqui. Quem a impede? Ninguém. Peça-o a Nossa Senhora e Ela a acompanhará.

9 de dezembro de 2007 (Manhã)

Síntese – Julián Carrón

Eu comecei a primeira noite fazendo um convite preciso a vocês: que ficassem diante da imensidão da pergunta, que nasce cada vez mais na nossa relação com a realidade (com os estudos, com a solidão, com o tédio, com a vida) – “O que buscais?”. Quando dizemos que a pergunta não nasce em nós, é porque não estamos atentos. Quando você está entediado, não grita em você o desejo de vencer esse tédio, de saber como responder a ele? Quando está atolado numa determinada situação, não fica com vontade de estar livre? Às vezes pensamos que a pergunta só nasce em determinadas cabeças. Não, ela não é para pessoas que não têm mais o que fazer e vivem com a cabeça nas nuvens. É a vida que urge. Digam-me vocês, com a mão no coração, se passa um dia sem que essa pergunta apareça, de um modo ou de outro – mas nunca intelectualmente, formalmente, e sim como urgência da vida. Para dizer isso, seria preciso que censurassem a si mesmos.

Só se estamos diante da imensidão dessa pergunta é que podemos entender realmente o sentido, o significado verdadeiro, da palavra “coração”, que repetimos tantas vezes. O coração não é aquilo a que normalmente o reduzimos de maneira sentimentalista. O coração é a imensidão dessa pergunta, é a exigência de totalidade que temos dentro de nós, no íntimo de nós mesmos. O oposto do sentimentalismo! Seria mais

fácil, imensamente mais fácil, resolver o problema se ele fosse apenas de natureza sentimental. Mas a urgência da vida não é um problema sentimental. Só quem deixa realmente aberta a pergunta, quem está diante da imensidão da pergunta, pode não reduzir o coração a sentimento.

Isto, amigos, é um trabalho: é preciso uma educação, como sempre nos disse Dom Giussani. A urgência da imensidão da pergunta, como a curiosidade que vemos nas crianças, se não é constantemente despertada, ou seja, se a pessoa não está empenhada com a realidade total, com o tempo diminui. É justamente o fato de não nos darmos conta de verdade da imensidão da nossa pergunta que nos lança na confusão. Se não temos claro qual é o conteúdo, qual é a experiência que fazemos, se não temos clareza a respeito da imensidão da pergunta que nos constitui e que é a própria natureza do nosso eu, se não temos consciência clara da natureza única dessa fome e dessa sede que somos, nós usamos a palavra correspondência para qualquer coisa, confundindo, como normalmente acontece, “sucesso” com “correspondência”. Para qualquer coisa de que gostemos, usamos a palavra “correspondência”. Quisera Deus que isso fosse verdade! Quisera Deus que todas as vezes que a pessoa tem sucesso na vida isso bastasse! Seria fácil: quem se dá bem na vida teria resolvido o problema, não precisaríamos estar aqui falando de Cristo, não seria necessário que Cristo se tivesse tornado homem e morrido na cruz. Não precisaríamos d’Ele, não precisaríamos de Deus, se pudéssemos resolver o problema da vida com o sucesso. Mas o sucesso não é nada em relação à imensidão da pergunta. Muitas pessoas hoje conseguem ter sucesso, têm dinheiro como nunca na história: no entanto, nunca, como hoje, vemos pessoas destruídas. Por quê? Alguma razão deve haver. Alguma confusão nós temos na cabeça. O sucesso, mesmo quando as coisas vão particularmente bem, está a infinita distância do infinito. A imensidão da pergunta significa isto: eu tenho desejo do infinito. Como diz Pavese: “O que o homem busca nos prazeres é infinito, e ninguém jamais renunciaria à esperança de alcançar essa infinitude”<sup>58</sup>. Ninguém poderá se contentar com menos do que essa infinitude. Tentem! É como pôr o pé num sapato de número errado: digam-me o quanto agüentam e o quanto isso é bom para vocês.

Não somos nós que decidimos isso. Não somos nós que podemos decidir a correspondência. Esclareçamos os conceitos: não podemos usar a palavra “correspondência” ao acaso, para qualquer coisa que nos agrade, para qualquer coisa que nos caia bem. Há correspondência quando algo corresponde à imensidão da pergunta. Então, digam-me, quantas vezes vocês fizeram experiência dessa correspondência? Se vocês chamam correspondência a tudo, é porque não têm consciência da imensidão da pergunta. É simples.

Dom Giussani nos lembrava uma frase de João Paulo II, pela qual se entende até que ponto é decisiva essa imensidão da pergunta para o cristianismo, para sermos cristãos. Dizia o Papa: “Não haverá fidelidade [...] se no coração do homem não se encontrar uma pergunta [...], para a qual só Deus é a resposta”<sup>59</sup>. Em outras palavras, com o tempo Cristo não lhes interessará mais, por mais que vocês todos forem devotos, se não houver no seu coração uma pergunta para a qual só Cristo é a resposta. O que diz o Papa é literalmente verdadeiro. Muitos foram os homens que nos últimos séculos disseram “Cristo”, até demais, mas também

---

<sup>58</sup> Pavese, C. *O ofício de viver*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, p. 209.

<sup>59</sup> João Paulo II. *Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México*, 26 de janeiro de 1979.

disseram adeus ao cristianismo (“bye, bye”), não porque tenham feito alguma coisa em particular, simplesmente porque Cristo não interessava mais a eles. O cristianismo só lhes interessará se vocês viverem a imensidão da pergunta: Cristo interessa apenas a quem percebe a imensidão da pergunta. Se vocês querem saber quantos cristãos verdadeiros conhecem, olhem à sua volta e se perguntem: quantos cristãos precisam de Cristo para respirar, para viver? De fato, Cristo não é um ornamento, um capote, um chapéu que a gente põe e tira.

“O cristianismo”, escreve Dom Giussani, “apresenta assim seu grande ‘inconveniente’: exige ‘homens’ para ser entendido e vivido. Homens: ou seja, aquele nível da natureza em que ela adquire consciência de si. Se a humanidade não vibra, não há persuasividade de discurso religioso que dê conta. O cristianismo não tem outra ‘arma’: o ser humano que vive como tal, e que se renova, e que leva sua humanidade renovada a desabrochar numa realidade social nova”<sup>60</sup>. O cristianismo, portanto, tem um grande inconveniente: “exige homens”. Se não houver homens, não haverá cristianismo. Que significa “homens”? Pessoas que vivem a imensidão da pergunta. O cristianismo exige homens para ser “entendido e vivido”. Em outras palavras, para que se possa “entender” do que se trata, o que é o cristianismo, são necessários homens, é necessária aquela imensidão da pergunta que possa reconhecer a correspondência que Cristo é a essa pergunta. Do contrário, falamos de Cristo sem entender nada. E são necessários homens para que o cristianismo possa ser “vivido”. A pessoa que se posiciona ante da imensidão da pergunta não diz: “Como posso viver a relação com Cristo?”, mas: “Como é possível viver sem a relação com Cristo e como eu posso me tornar mais amigo de Cristo?”. Como é que vocês conseguem viver sem fazer memória de Cristo? Como é que se suportam sem Ele? Digam-me! É o contrário do que normalmente pensamos. Imaginem se um apaixonado diria: “Como posso ter vontade de estar com ela?”. Mas vá plantar batatas! Uma pessoa que diz uma coisa dessas está lá apaixonada? Digam-me, está apaixonada? Não entendeu nada! Por favor, falemos do cristianismo como falamos das coisas normais! Do contrário, tudo é vazio, são apenas palavras sem sentido, esvaziadas da experiência, não sabemos o que estamos dizendo, do que estamos falando, e isso cedo ou tarde nos enche. Se a pessoa descobriu o que significa querer bem a um outro, sabe que não pode viver sem desejar vê-lo novamente, não pode deixar de sentir a falta dele: como é possível viver sem ele, sem ela? Se isso já aconteceu a uma pessoa, então ela entende. Dou estes exemplos porque são os que vocês entendem, para que depois possam fazer a comparação e dizer se, quando falam de Cristo, acontece o mesmo que quando falam de algo concreto. Do contrário, é como se, quando falamos do concreto, isso não tivesse nada a ver com Cristo. Não! Cristo é muito mais concreto que a sua namorada ou o seu namorado. Para quem O encontrou, faz muito mais falta. Não é que a namorada ou o namorado sejam o exemplo paradigmático e Cristo, apenas um “modo de falar”. É justamente o contrário: Cristo, o encontro com Cristo é que é paradigmático, o relacionamento com a namorada ou o namorado é que é “assim por modo de falar”, tanto que decai. Todo o mundo está tão convencido da sua decadência, que já prepara, de início, uma via de escape, que é o divórcio.

Para que o cristianismo seja entendido e vivido, são necessários homens. Que significa homens? O

---

<sup>60</sup> Giussani, L. “Nota per la seconda edizione”. In: Martindale, C. *Santi*. Milão, Jaca Book, 1992, p. 27.

homem é “aquele nível da natureza em que a natureza toma consciência de si mesma”<sup>61</sup>, toma consciência de toda a imensidão da pergunta. “Se a humanidade não vibra não há persuasividade de discurso religioso que dê conta”<sup>62</sup>. Da mesma forma, se a sua humanidade não vibra, discurso nenhum sobre o amor poderá se sustentar, em comparação com um relacionamento. Não podemos substituir a vibração, a comoção última, a intensidade de uma presença pelo discurso: ele não é persuasivo. Por isso, o cristianismo não será persuasivo para vocês se não houver essa vibração. “O cristianismo não tem outra ‘arma’: o ser humano que vive como tal”<sup>63</sup>. Se vocês deixam para trás a imensidão da sua pergunta, jamais poderão se interessar por Cristo de verdade: falarão de Cristo de maneira formal, vazia. A arma do cristianismo é “o ser humano que vive como tal, e que se renova”, que precisa constantemente do encontro com Ele para continuar a se renovar. De fato, eu não me renovo por mim mesmo, decaio sem parar (mas que novidade é essa?). Preciso, então, desta minha humanidade para vibrar diante d’Ele, na medida em que é somente no relacionamento com Ele que eu me renovo; do contrário, repito os meus limites. Estar diante d’Ele com toda a minha humanidade me renova e “leva a [minha] humanidade renovada a desabrochar numa realidade social nova”<sup>64</sup>: gerar um povo diferente, uma companhia diferente.

Sem essa nossa humanidade, é impossível reconhecer Cristo. É por isso que eu gosto demais daquele início de *Na origem da pretensão cristã*, no qual Dom Giussani diz mais uma vez por que o que temos de humano é decisivo para reconhecer Cristo, ou seja, por que, sem a nossa humanidade, não pode haver reconhecimento. “Ao abordar o tema da hipótese de uma revelação e, em particular, da revelação cristã, nada importa mais do que perguntar-se qual é a situação real do homem”<sup>65</sup>. Ao enfrentar a questão a respeito de o Mistério ter entrado na história e ser realmente companheiro, a respeito de ter realmente acontecido uma novidade, e não as coisas de sempre com uma cara diferente – a verdadeira novidade não é aquilo que nós mesmos podemos fazer, mas é o fato de o Mistério que nos faz ter entrado na história –, “nada importa mais do que perguntar-se qual é a situação real do homem”, ou seja, nada é mais importante que a imensidão da pergunta, nada: nem a energia, nem a capacidade de coerência, nem a capacidade de sacrifício.

Por que nada é mais importante que isso? Escreve Dom Giussani: “Não seria possível dar-se conta plenamente do que signifique Jesus Cristo sem antes nos darmos conta da natureza daquele dinamismo que faz com que o homem seja aquilo que é. Com efeito, Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou”<sup>66</sup>. O que me faz perceber essa novidade que entra no mundo, o que me faz surpreendê-la, é o meu humano que vibra diante dela. Não seria possível de outra forma nos darmos conta dela – Dom Giussani acrescenta um advérbio – “plenamente”; a pessoa pode sublinhar alguma coisa, pode dizer “Jesus”, mas não pode se dar conta plenamente do que significa Jesus Cristo. Não é preciso fazer sei lá que estudos de teologia ou de

---

<sup>61</sup> Giussani, L. *O senso religioso*. Op. cit., p. 45.

<sup>62</sup> Giussani, L. “Nota per la seconda edizione”. In: Martindale, C. *Santi*. Op. cit., p. 27.

<sup>63</sup> Id., *ibid.*

<sup>64</sup> Id., *ibid.*

<sup>65</sup> Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Op. cit., p. 11.

<sup>66</sup> Id., *ibid.*

filosofia para chegar a reconhecer Cristo. É extremamente fácil, o Senhor não fez a coisa complicada: ele nos deu um coração, nos deu uma humanidade, despertou dentro de nós uma pergunta, para que pudéssemos perceber num instante a correspondência de Cristo a ela. É fácil! Ninguém pode dizer que o cristianismo é complicado. Seria como dizer que se apaixonar é complicado. Mas a pessoa que diz isso não sabe do que está falando.

Não seria possível nos darmos conta plenamente do que significa Jesus Cristo, se antes não nos déssemos conta muito bem da imensidão da pergunta que torna homem o homem. O que é que nos torna homens? O que é que nos torna diferentes dos cães? A imensidão da pergunta. Por que é que nada é mais decisivo que isso? Porque Cristo “se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou”. Ele se apresenta diante de nós como a resposta àquilo que eu sou, a essa exigência de plenitude, a essa imensidão da pergunta. Por isso, continua Dom Giussani, é “apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo [que] pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar Cristo”<sup>67</sup>. O que pode me escancarar é que eu me dê conta realmente do que eu sou. É por isso que eu lhes dizia: olhem atentamente para a imensidão da pergunta. A tomada de consciência terna e apaixonada, além de atenta, de si mesmo é esse abraçar o eu por inteiro: não é um discurso abstrato, para intelectuais da universidade. Só quem vive essa tomada de consciência atenta, terna e apaixonada de si mesmo pode reconhecer o alcance de Cristo (resposta à imensidão da sua pergunta), dispor-se “a reconhecer, admirar, agradecer, e vivenciar Cristo”. A pessoa fica extremamente impressionada, fica tão impressionada com o encontro com Ele, que não se esquece mais: “Nunca vimos uma coisa assim”, dizem os Evangelhos. Não é possível trocá-lo por nada: “Nunca vimos uma coisa assim”<sup>68</sup>. Quem encontra o cristianismo só pode fazer uma experiência como a que é narrada pelo Evangelho. Do contrário, pode ter até ouvido falar de Cristo, pode até realizar determinadas atividades inspirando-se em Cristo, pode até discutir sobre Cristo, mas não encontrou o cristianismo. Só o encontrou realmente alguém que diz: “Nunca vi uma coisa assim”. Por isso, essa pessoa já é grata assim que abre os olhos pela manhã, é grata porque Ele existe, a vida é diferente porque Ele existe, tal como você é grata, quando abre os olhos de manhã, porque seu namorado existe, porque ele existe; é grata, não porque ele faz alguma coisa, mas porque existe.

Sem essa consciência tão terna e apaixonada de mim mesmo, da minha humanidade, da minha exigência, da imensidão da minha pergunta, sem uma experiência do humano como essa, “até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome”<sup>69</sup>. Podemos continuar a dizer “Cristo”, mas como simples nome. E isso, eu garanto, com o tempo não vai interessar a vocês. Como diz o Papa, não haverá fidelidade, ou seja, Cristo não vai interessar a vocês, se não houver uma pergunta para a qual somente Cristo é a resposta<sup>70</sup>: ele se tornará um simples nome.

Escreve-me Giovanni: “Eu gostaria de lhe agradecer porque este ano a relação com você, ouvi-lo e

---

<sup>67</sup> Id., *ibid.*

<sup>68</sup> Mc 2,12.

<sup>69</sup> Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Op. cit., p. 3.

<sup>70</sup> Cf. João Paulo II. *Homilia na Catedral Metropolitana da Cidade do México*, 26 de janeiro de 1979.

procurar me identificar com a sua maneira de entrar na realidade, como você dizia hoje, foi fundamental. O chamado de atenção à religiosidade que nos foi feito no encontro de responsáveis dos universitários me fez descobrir de novo o valor do coração [ou seja, da imensidão da pergunta], como também o valor da realidade, mudou a minha vida [essa é a promessa que encerrada em tudo isso], não porque a vida tenha mudado, mas porque eu comecei a reconhecer nas coisas que me acontecem, nos fatos, a presença d'Ele". Só quem tem essa humanidade pode surpreender a presença d'Ele na realidade. Não somos visionários. A dificuldade que temos para reconhecer a presença d'Ele depende disso. "Comecei a reconhecer nas coisas que me acontecem, nos fatos, a presença d'Ele, que me ama e quer guiar a minha vida ao seu destino, Ele, ao qual nós, nas circunstâncias, devemos nos confiar. E essa Presença (que sempre existiu) [ele diz isso entre parênteses: sempre existiu, não somos nós que criamos a Presença] me dá esperança e entusiasmo. Eu gostaria realmente de abraçar você [nós nos tornamos amigos graças a isso; eu não o conheço, nem sei quem é, mas somos amigos], porque concretamente você para mim é um companheiro, uma testemunha para a minha vida, que me ajuda a reconhecer a presença de Cristo".

O mesmo me escreve Rosaria. "Neste período estou me surpreendendo por ver o quanto é verdade na minha vida o que diz Dom Giussani sobre o encontro, em *O caminho para a verdade é uma experiência*. Para mim, o encontro com Cristo coincide com o encontro com o Movimento, aquela parte da Igreja por meio da qual Ele quis me alcançar". Cita depois o panfleto de início de ano dos universitários: "A vida é decidida por encontros. A personalidade de cada um floresce e pode ser plenamente ela mesma apenas num encontro que solicite e valorize até o fundo aquilo que somos, que nos lance de novo na realidade como protagonistas: algo tão imprevisto e surpreendente quanto real". Se não fosse real, você nem imaginaria que pode existir. Tanto assim que normalmente nós, depois de dois mil anos de história, pensamos que os Evangelhos exageram: "Isto não é possível, não é possível que isto aconteça!". Imaginem só se os colegas evangelistas inventaram tudo aquilo: nem poderiam imaginar aquelas coisas. "Isto me aconteceu há sete anos: foi algo imprevisto e surpreendente. Uma humanidade que nunca vi antes [ele nunca tinha visto uma coisa como essa: quando o cristianismo acontece, é sempre assim, tanto hoje como há dois mil anos]: pessoas que viviam de uma maneira diferente, desejável; a universidade não era um parêntese da vida delas, mas a sua casa, nada da realidade lhes era indiferente, nem eu; aliás, eu era mais importante para elas do que para mim mesma." A nossa amiga começou, assim, a se dar conta da diferença que tinha à sua frente; começou a se dar conta de que era mais importante para aquelas pessoas do que era para ela mesma. "Foi como se um raio me iluminasse, mas precisei de algum tempo para me dar conta. Quanto mais estava com eles, mais contente ficava. Nestes anos foi um crescendo de gosto, de amizade, de experiência, de plenitude na minha vida". Esta é a diferença do cristianismo em comparação com qualquer outra coisa: além de termos de dizer que "nunca, antes de hoje, vimos uma coisa assim", com o passar dos anos isso cresce, é um crescendo de gosto, de amizade. Não que nos tornemos mais devotos, não se confundam: é como um rio na época da cheia. "Depois de sete anos, isso me impressiona e me comove, porque ainda é do mesmo jeito. É como o primeiro dia em que os encontrei. O que tenho a mais é a consciência de que esta é a companhia de Cristo para a minha vida". E cita a Escola de Comunidade: "A comunidade da Igreja é, pois, o rosto que a

realidade de Cristo assume em nossa vida'<sup>71</sup>. Não seria possível estarmos juntos de outra forma". Isso se chama contemporaneidade de Cristo. Não é um pensamento, é a experiência que a pessoa faz. Por que Cristo e não qualquer outra coisa? Porque todo o resto decai, com o tempo não nos interessa mais. Não somos nós que criamos a comunidade, ela não é o resultado da nossa organização ou da nossa educação. "Relendo estes dias os encontros de Jesus, fiquei impressionado por ver o quanto descreviam o meu encontro. 'Somos chamados a aderir, a participar de uma realidade que vem de fora de nós, a comunidade objetiva'<sup>72</sup>. A realidade que nos encontrou está fora de nós. A nós cabe fazer a pergunta de João e André – 'Onde moras?' – e dar nosso sim à proposta d'Ele: 'Vinde ver'<sup>73</sup>."

E continua – vejam que consciência –: "Não somos nós que temos a capacidade de fazer o encontro durar". Se vocês querem se autoconvencer de que são vocês que fazem o encontro durar, tentem. Verifiquem cada imagem que lhes vem à cabeça, encarem-na, pois, do contrário, ficarão sempre com a impressão de que talvez seja como vocês dizem. Tentem ver como as coisas são. "Não somos nós que temos a capacidade de fazer o encontro durar e de fazê-lo ser sempre novo. Ele acontece." Isso é por conta d'Ele: acontece. Ponto final. "Nós, porém, devemos desejá-lo e pedi-lo. Essa é a coisa mais bonita que me está acontecendo neste período; dizer 'eu' de dentro deste caminho, ser mais eu mesma graças a este caminho, enfim, ser protagonista da minha vida me faz viver com intensidade. E é impressionante, pois isso aconteceu no trabalho de conclusão do curso, quando levei a sério o desejo de lecionar, na relação com os meus amigos, com a minha família, nas iniciativas dos universitários do Movimento, em tudo. Eu nunca poderia pensar que viveria este momento, no final da universidade, sem medo de perder alguma coisa, mas contente, cheia do desejo de descobrir o que cada dia me reserva, com a certeza de que o bonito ainda está por vir e de que Aquele que me tomou é para a vida inteira".

Essa menina entendeu: não fica lá toda assustada pensando no que vai acontecer, agora que terminou a universidade, como se Aquele que ela encontrou fosse Alguém que amanhã desaparece, some. Não, é Jesus Cristo vivo e ressuscitado. Vocês entendem o que nós encontramos? "Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo"<sup>74</sup>. Não devemos nos assustar. Mas quem é que não se assusta? Não aquele que ouve a citação bíblica, mas quem já fez uma experiência do que é Cristo. Todos conhecemos a frase do Evangelho, mas todos ficamos assustados quando as circunstâncias mudam. Não basta a frase do Evangelho: é preciso uma experiência que nos dê certeza. Qual é a prova de que temos certeza? O fato de não termos medo.

"Tenho o desejo de descobrir o que cada dia me reserva, com a certeza de que o bonito ainda está por vir [ela é do meu clube, do "bonito ainda está por vir"] e de que Aquele que me tomou é para a vida inteira. Enfim, como diz a Escola de Comunidade, 'o encontro com a palavra e o poder de Deus é sempre para o homem o encontro com Alguma Coisa que o revela a si mesmo, o capacita, o valoriza'<sup>75</sup>. Para mim, a coisa

---

<sup>71</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 162.

<sup>72</sup> Id., *ibid.*

<sup>73</sup> Jo 1,38-39.

<sup>74</sup> Mt 28,20.

<sup>75</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 169.

decisiva é que Aquele que encontramos seja um encontro agora, não basta que tenha sido ontem”. Essa pessoa, essa menina, não poderá se contentar com a organização, com as coisas a fazer, não poderá dizer: “Aconteceu alguma coisa grande, mas depois...”. Aqui não há o “mas depois”. Esse é um sinal inconfundível. “Aconteceu, mas depois...”: não, não há o “mas depois”, porque o encontro foi o método desde o primeiro dia até hoje, e ela não quer outra coisa, não se contenta com outra coisa: “Não basta que tenha sido ontem”. “Eu sinto que isso é decisivo também para os meus amigos, aqueles que acabo de encontrar e os mais velhos. Quem me dá um testemunho neste período são aqueles que estão vivendo o encontro hoje, estão se envolvendo com o encontro hoje.” Amigos, ou seja, testemunhas.

Não se preocupem se tantas vezes decaímos, se erramos: é Ele que nos acompanha, partimos constantemente de novo d’Ele, recomeçamos d’Ele logo em seguida, pois todos somos filhos do “sim” de Pedro. É como se no momento em que a pessoa se perde, em que a pessoa foge, em que a pessoa erra, Cristo voltasse e lhe perguntasse: “Mas tu me amas?”<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> Jo 21,15.